

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ  
COLEGIADO DE PEDAGOGIA DO CAMPO

Antonia Izidoro Maciel

(RE) FAZENDO O SABER PEDAGÓGICO COM A EDUCAÇÃO INFANTIL  
DO CAMPO

Marabá-PA

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ  
COLEGIADO DE PEDAGOGIA DO CAMPO

**Antonia Izidoro Maciel**

(RE) FAZENDO O SABER PEDAGÓGICO COM A EDUCAÇÃO INFANTIL  
DO CAMPO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação do Campus Universitário de Marabá da Universidade Federal do Pará, como requisito final à obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia. **Orientadora:** Prof. Esp. Luciana Barbosa de Melo.

Marabá – PA

2011

ANTONIA IZIDORO MACIEL

(RE) FAZENDO O SABER PEDAGÓGICO COM A EDUCAÇÃO INFANTIL  
DO CAMPO

Defesa Pública em: 22/08/2011

Conceito: Bom

Banca Examinadora:

Orientadora: Professora Esp. Luciana Barbosa de Melo

Banca: Professora Msc. Vanja Elizabeth Sousa Costa

Banca: Professor Msc. Haroldo de Souza

Marabá – PA

2011

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter-me dado determinação para continuar o curso.

A toda minha família por tudo que fizeram por mim, durante todo o tempo que passei longe e eles compreenderam cuidando dos meus filhos e pelas muitas vezes que me aconselham a nunca desistir.

Agradeço aos meus queridos filhos que embora sendo tão pequenos entenderam minha ausência quatro meses por ano, durante esses cinco anos.

Agradeço também a todos meus amigos e amigas que por muitas vezes me deram força, bons conselhos e acima de tudo compartilharam vários momentos importantes da minha vida.

A todos os colegas da turma com suas diferenças, pelos momentos felizes e infelizes que passamos juntos e pela grande socialização de conhecimento que vivenciamos.

A minha orientadora por ter-me ajudado e acreditado que eu seria capaz.

Agradeço a todas as pessoas que nunca acreditaram que eu seria capaz de algo, pois elas, de certa forma contribuíram para que eu nunca desistisse de alcançar meus objetivos.

A todos os educadores que trabalharam com a turma e fizeram parte do meu crescimento enquanto pessoa, enquanto mãe e enquanto profissional,

## DEDICATÓRIA

Em primeiro lugar à minha querida mãe, Josefa Souza Maciel, por ser tão guerreira, por sofrer muito por mim e por ter cuidado de meus filhos durante o tempo que passei estudando.

A meu amado pai Francisco Izidoro Alves que sempre acreditou em mim, e por ser um exemplo de luta e de vida para mim.

A meus quatro filhos Jeová Gomes Maciel, Jeovanessa Gomes Maciel, Vitória Letícia Izidoro Maciel e Miquéias Morais Maciel que são a razão pela qual eu vivo e sempre continuarei lutando.

A meus três queridos irmãos Antonio Izidoro Maciel, Francisco e Pedro Izidoro Maciel que de certa forma, contribuíram para meu processo de formação e me apoiaram em minhas decisões.

A duas pessoas que para mim foram muito amigas e as mais compreensivas durante todo o curso. Maria Mirian, e Agda Campos.

A alguém especial: Cláudio, que esteve comigo nesta caminhada e por quem eu tenho grande respeito e admiração.

A memória de uma grande amiga, companheira e acima de tudo mulher, que por muitas vezes desabafei e fui aconselhada durante esta caminhada, Maria do Espírito Santo Silva.

A memória de todos aqueles que foram covardemente assassinados por lutarem pela igualdade social, pela grande contribuição que tiveram para que estivesse aqui.

## EPIGRAFE

Fui criança! Entre árvores e flores. Entre a chuva e o vento, entre a noite e a fogueira. Viajei nas histórias narradas pelos meus pais, e fiz parte de cada uma delas. Vivi as grandes memórias me reencontrei, brinquei, corri, pulei, cantei, inventei, chorei e fiz de conta. Embalei-me nos grandes sonhos e me aconcheguei nas pequenas emoções.

Antonia Izidoro Maciel

## SUMÁRIO

### RESUMO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPITULO I: AUTO BIOGRAFIA DA AUTORA</b> .....	12
<b>CAPITULO II: FALANDO DE EDUCAÇÃO RURAL E AS PROPOSIÇÕES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO</b> .....	19
2.1-Educação Rural .....	19
2.2-Educação do Campo .....	21
2.3-Educação Infantil .....	24
<b>CAPITULO III - PASSOS DA PESQUISA</b> .....	28
3.1-Passos da pesquisa .....	28
3.2-Campo da pesquisa: O Projeto de Assentamento São Francisco.....	30
<b>CAPITULO IV - DADOS DA PESQUISA</b> .....	38
4.1 – Práticas docentes na educação infantil .....	38
4.2 – Proposta de Intervenção .....	42
4.2.1 – A cantiga de roda .....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	54
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	55

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo refletir e interferir no processo de ensino aprendizagem de crianças da Educação Infantil, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Ouro Verde, localizada no projeto de assentamento São Francisco, município de Eldorado dos Carajás. O mesmo propôs a analisar, primeiramente, as práticas pedagógicas exercidas na Educação Infantil, e posteriormente, sugerir uma proposta de intervenção, no sentido de experimentar a cantiga de roda e a brincadeira no processo de ensino e aprendizagem. Considerando a relevância de se entender o contexto da educação do campo e o processo de desenvolvimento da criança em idade pré-escolar, os estudos se ampararam, principalmente, nos trabalhos de CALDART (2002); LEITE (2002); e KRAMER (2003). Para a pesquisa foi usado os suporte da pesquisa-ação, tendo como requisitos os dados qualitativos, tendo como finalidade a intervenção na realidade pesquisada, pois diferente de realizar e apresentar apenas o diagnóstico, a proposta propõe uma mudança na realidade investigada. Como resultado da pesquisa, pode-se apontar que o desenvolvimento de práticas pedagógicas, com base em atividades que envolvam cantigas de rodas e brincadeiras, podem auxiliar nos processos de desenvolvimento e aprendizagem das crianças na educação infantil, considerando que as mesmas já têm um acúmulo de experiências construídas no meio social em que vivem.

**PALAVRAS- CHAVE:** Educação infantil; prática pedagógica; processo de ensino-aprendizagem.



## **LISTA DE SIGLAS**

CPT- Comissão Pastoral da terra

EJA- Educação de jovens e Adultos

FETAGRI- Federação de Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura

LDB- Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MST- Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

PRONERA- Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

PRONAF- Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

UFPA- Universidade Federal do Pará

PA's- Projetos de Assentamentos

## INTRODUÇÃO

O estudo aqui apresentado trata-se de um Trabalho de Conclusão do Curso e tem por objetivo socializar a pesquisa realizada sobre o processo de ensino aprendizagem em uma turma de educação infantil na escola Municipal de Ensino Fundamental Ouro Verde no Assentamento São Francisco, Município de Eldorado do Carajás.

As reflexões que serão apresentadas têm origem nos questionamentos: Como se dá a prática pedagógica da educação infantil na/da educação do campo? Como se dá o processo de desenvolvimento da criança, no espaço escolar, quando se leva em consideração suas experiências? Onde a pesquisa foi realizada nos meses de setembro e outubro de 2010, em uma turma de Educação Infantil, os sujeitos foram crianças de 05 e 06 anos que estão no segundo ano participando da educação infantil e a docente responsável pela turma.

A idéia desse estudo surgiu a partir da necessidade de se pensar em metodologias diferenciadas para a educação infantil do campo, tendo em vista o processo de ensino-aprendizagem, bem como a pouca disponibilização de materiais e recursos pedagógicos nas escolas do campo considerando que esses elementos devem estar diretamente relacionados ao meio social, onde as brincadeiras, as músicas, as histórias e os desenhos, podem se tornar elementos fundamentais para a promoção da interação, do sujeito infantil com o mundo, e da apropriação da cultura e do conhecimento.

As principais metodologias utilizadas se basearam nas experiências que as crianças já trazem para a escola, a organização da sala, as escolhas das músicas, escolhas das brincadeiras e as produções de desenhos.

O trabalho foi de fundamental importância para os participantes, pois o objetivo do estudo foi contribuir com a realidade pesquisada a partir da elaboração de metodologias de ensino, que possibilitassem a valorização dos conhecimentos e das experiências vivenciadas no cotidiano familiar e na comunidade pelas crianças e que são trazidas para a sala de aula.

O processo de ensino aprendizagem na educação infantil tem se restringido ao ensinar a criança ler e escrever, e a falta de espaços e carência de materiais são os

principais argumentos usados para justificarem o fato da criança não “aprender”. Porém, a questão é: e as experiências das crianças que chegam à pré-escola? As crianças ao chegarem na escola mesmo que pela primeira vez já tem suas experiências de vida junto aos seus familiares, cabe a escola trabalhar essas experiências inserindo-as em suas metodologias.

Foi com base nas ideias de alguns autores, como KRAMER (2003); AVILA (2003); OLIVEIRA (1997); que trata das questões de desenvolvimento da criança na educação infantil foi possível a intervenção na realidade. A pesquisa foi realizada com Observação do trabalho pedagógico, entrevista com a educadora que atua na sala de educação infantil, apresentação da proposta para a educadora, desenvolvimento da proposta na prática considerando que não se pode intervir na realidade sem antes conhecê-la.

O trabalho foi estruturado em quatro capítulos. No primeiro apresento a autobiografia, tendo como foco as vivências de quando criança e as necessidades das brincadeiras, mesmo morando no campo sem muitas possibilidades de relacionamento com outras crianças.

No segundo capítulo apresento as questões relacionadas à educação rural, os desafios encontrados e como esta tem se apresentado nos assentamentos, qual a discussão que se tem de educação do campo e como esta propõe a educação para os sujeitos do/no campo, trazendo também a reflexão sobre a situação da educação infantil no cenário da educação do campo.

O terceiro capítulo apresenta os caminhos percorridos durante a pesquisa, quais as metodologias utilizadas, o local onde foi realizada e as principais características histórica e socioeconômica do assentamento.

No quarto capítulo apresento os dados da pesquisa, trazendo as reflexões sobre as práticas docentes observadas na educação infantil. Em seguida, faço a apresentação da proposta de intervenção, como um meio de contribuição com a realidade pesquisada, e descrevo o desenvolvimento das atividades, realizo as análises faço as reflexões sobre os momentos de realização do projeto de intervenção.

Por último, apresento as minhas considerações finais, onde aponto alguns resultados provocados pela intervenção e o que, as atividades propostas revelaram em relação ao desenvolvimento das crianças envolvidas.

## CAPITULO I – AUTOBIOGRAFIA DA AUTORA

Venho de uma família que sempre trabalhou e viveu no campo, a qual por muitas vezes sofreu com os vários problemas existentes no campo, desde a falta de transporte até a falta de escolas. Meus pais ao migrarem para o estado do Pará, em busca de melhores condições de vida, foram submetidos a vários conflitos agrários, onde a luta pela terra não foi fácil.

Meus Pais sempre me diziam que era preciso “estudar para ser alguém na vida”, mas eu sempre me perguntava “o que era ser alguém?” Pois no campo tínhamos arroz, feijão, milho, mandioca, galinha, batata, frutas no terreiro, o igarapé para pescar, um barraco de pau a pique, a lua para iluminar a noite e a doce voz de meu pai e meu irmão que contavam histórias de nossos antepassados.

Vemos, assim, que narrar é um ato cultural por excelência, atuando diretamente nos sentidos e no subjetivo de cada um, possibilitando que o indivíduo conheça melhor a si mesmo, o outro e o mundo em que vive, entre outras coisas. Além de todas essas “dádivas”, o narrar também proporciona o contato com as diferentes culturas, criando pontes ou elos entre um mundo distante e o mundo de hoje, por meio dos contadores de história (JORGE, 2007, p.99).

Durante as histórias contadas, eu viajava na imaginação e me sentia parte delas. Aquele lugar para mim era tudo, a família era perfeita, a casa era perfeita e o mundo também era perfeito. Talvez eu tivesse que estudar mesmo, só não sabia bem para quê. Só não queria estudar para ser alguém, pois eu já era alguém!

Ser alguém na vida, para meus pais, seria não passar a vida inteira na roça trabalhando no campo como eles passaram, para dele retirar o sustento. Seria ter uma profissão onde se trabalhasse menos e se ganhasse mais dinheiro.

Cabe dizer que para uma criança de seis ou sete anos, estes conselhos não são bem seguidos, pois nesta faixa etária a família é como se fosse um exemplo a ser seguido pela criança, embora os conselhos sejam sérios isto não tem muita importância, pois o que realmente importa é a convivência diária da criança com a família, onde laços afetivos muito forte são estabelecidos.

Nas brincadeiras eu sempre estava sozinha, sendo a única criança do sexo feminino da família, tinha que inventar minhas brincadeiras, onde incorporava personagens imaginários, onde tudo se transformava em brinquedos, que até ganhavam nomes. O sabugo de milho, a folha do pé de mamão, as flores da castanheira, as espigas de milho ainda novinhas - estas eram as mais legais, pois tinham cabelos diferentes e eram chamadas de bonecas de milho. Às vezes sentia vontade de brincar com alguém, mas não tinha! Todas as minhas brincadeiras eram reinventadas por mim, como diz Marques (2007):

Para a brincadeira acontecer, precisamos apenas de “olhar” um certo “olhar” para o cotidiano é capaz de transformar situações, espaços, convivência e objetos em brincadeira. Essa capacidade de conjugar-combinar-articular faz da brincadeira uma linguagem com infinitas possibilidades (p.41).

Chegou o dia em que fui para a escola e as brincadeiras ficaram cada vez mais distantes de mim. Por mais que na escola, aos nove anos, tivesse vários amiguinhos eram diferentes as brincadeiras na hora do recreio, não tinha o mesmo sentido, ou seria o tempo de brincar que tinha sido reduzido?

Na escola, eu sentia falta de brincadeiras com as outras crianças, parecia que o recreio era curto, talvez pela própria necessidade de estar brincando com outras crianças, que até então não tinha.

Aos quinze anos fui mãe pela primeira vez e senti meu espaço sendo dividido com outro alguém, que seria aquela criança. Na verdade, eu sempre senti uma grande necessidade de brincar, por várias vezes desejei que aquela criança fosse uma menina, só assim poderia brincar comigo, por outro lado sentia medo, pois eu não era mais criança e as outras pessoas poderiam falar alguma coisa de mim, poderia ser reprimida.

Não demorou para que as coisas ficassem diferentes, as florestas foram destruídas e substituídas por capim, os igarapés secaram, o barraco de pau a pique foi transformado em paredes de concreto, a farinha, o arroz e o feijão agora vêm da cidade e têm outro gosto, as noites são iluminadas não mais pela luz da lua, mas agora pelas lâmpadas e as histórias foram substituídas por umas que se pode ver até as pessoas quase que ao vivo.

Em 1999 comecei a participar do (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) PRONERA, um programa específico para capacitação de pessoas do campo que não tivessem concluído o ensino fundamental e se disponibilizasse a realizar um trabalho com jovens e adultos nos períodos em que não estariam estudando. Apesar das formações acontecerem na cidade de Marabá-Pará o objetivo do programa seria capacitar as pessoas do campo, para atuarem no campo, com uma nova proposta de ensino para os assentados, onde os saberes do campo ganhariam um papel significativo no processo ensino aprendizagem, pois Kolling (2002) diz que: “A perspectiva da educação do campo é exatamente a de educar este povo, estas pessoas que trabalham no campo, para que se articulem, se organizem e assumirem a condição de sujeitos da direção de seu destino” (p.27).

As formações aconteciam nos períodos de férias, e quase todos os debates, realizados em sala de aula, eram voltados para as questões relacionadas ao campo, na maioria das vezes, contextualizados com a nossa própria vivência enquanto sujeitos do campo. Foi a partir dessa formação que percebi a minha verdadeira identidade, pude então assumir uma postura de pessoa do campo, que até então eu não percebia, e por mais que eu estude, é no campo que sempre vou encontrar minhas verdadeiras raízes.

Ao ingressar no curso Pedagogia do Campo em 2006, na UFPA, percebi que seria uma continuidade do que tinha estudado durante o ensino fundamental e médio, talvez reformular pensamentos e reconstruir novos conhecimentos pois FREIRE (2002) diz que: “Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital” ( p. 54).

Concordando com o autor, somos seres que nos construímos ao longo da nossa existência, que começa antes mesmo da pré-escola, e quando relacionamos a palavra inacabamento com espaço escolar, percebemos a importância da valorização do sujeito enquanto ser que se constrói e se modifica conforme o meio em que está inserido e acredito que, o curso de Pedagogia do Campo veio exatamente para nos proporcionar esta visão de mundo.

A visão de que o ser humano é capaz de destruir seus conceitos para construir novos conceitos, pois essa possibilidade, é uma das coisas que o torna único entre todos os outros seres, e a partir do momento que entrei no curso Pedagogia do Campo, isto parecia bem claro para mim, talvez por já ter participado anteriormente de estudos que me proporcionaram esta visão.

O curso tinha em si uma proposta diferenciada, a qual por várias vezes teve formação com professores de outros Estados, com novas metodologias de ensino, como por exemplo: Dan Baron, do país de Gales, no continente Europeu; Manuela Sousa, de Santa Catarina; o professor Lindomar, de Goiânia; a professora Natalina, de Belém; entre outros que ao trabalhar com a turma, já tinham um breve conhecimento da nossa realidade.

Durante o curso, passamos por processo de oficinas, onde os educadores eram Dan Baron e Manuela Sousa. Era uma espécie de preparação para o processo de formação com a turma. Em algumas etapas também tivemos oficinas preparatórias, que nos possibilitou a interação e a reflexão sobre nossa prática e nossa própria vida.

Todas as etapas foram pensadas pela coordenação do curso para atender as necessidades e nossas especificidades, considerando que éramos do campo. Os textos e os autores estudados também condiziam com as nossas necessidades e os debates, na maioria das vezes, giravam em torno do que já tínhamos conhecimento: a nossa realidade.

Acredito que, durante os cinco anos do curso de Pedagogia do Campo as relações de amizade da turma contribuíram para a minha formação enquanto pessoa, pois as dificuldades e as discussões serviram para ampliar meus conhecimentos.

Tendo em vista que muitos educadores já passavam por nós sabendo mais ou menos de onde vínhamos e qual seria a nossa realidade, que era o campo, os mesmos já demonstravam respeito por nossa turma, e isso ajudou na compreensão das disciplinas ministradas.

Na vida estamos sempre em mudança e durante o curso essas mudanças para mim foram constantes. Reconheci-me melhor no mundo enquanto sujeito que é capaz de mudar e enquanto educadora, posso interferir na realidade que vivo.



Alguns momentos, muito difíceis durante o curso, interferiram no meu processo de socialização do conhecimento, a falta de recurso para me manter na cidade de Marabá-Pará onde o campus universitário está localizado os problemas pessoais, os problemas internos entre a turma e o próprio medo que tenho de falar em público, que é uma barreira pessoal muito forte, em meio a tantos desafios o tempo de formação foi significativo.

Percebo que as pessoas que moram no campo não precisam ir para a cidade para estudarem, a escola tem que ir até eles de maneira não excludente, de forma que os educandos se sintam gente.

Uma das maiores conquistas neste processo foi a visão que tenho hoje do mundo e de mim mesma. Hoje me reconheço como uma pessoa independente e responsável pelo futuro de meus filhos, além de me sentir sujeito da minha própria realidade. Posso dizer que me tornei liberta de vários pré-conceitos e aprendi que sou livre para aprender novas coisas no mundo, com o mundo e com os outros, pois como diz FREIRE (2002):

Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo com o mundo e com os outros, presença que, reconhecendo a outra presença como um “não eu” se reconhece como a si próprio( p. 20).

O autor da citação acima nos mostra a importância que temos no mundo diz de certa forma contribuimos no mundo e com o mundo, além de fazer parte da vida de outras pessoas, pois agimos no mundo e ao agirmos no mundo alteramos as coisas direta ou indiretamente, e neste processo de transformação somos dotados de capacidade para intervir no mundo.

Assim cada disciplina

ministrada houve um aprendizado novo, pois cada professor tinha seu jeito de repassar seus conteúdos e isso faz toda diferença, todos, mesmo aqueles que tinham suas próprias metodologias conseguiram adequar o planejado a necessidade da turma, foram essas vivências e experiências que deixaram para mim uma grande lição de vida,

a qual entendo e às vezes trago para a minha realidade, onde temos que estar sempre vem nossas práticas em sala de aula com nossos educandos.

As oficinas também nos proporcionaram momentos de muita reflexão e aprendizagem, pois foi com o professor Lindomar que tivemos momentos marcantes de construção de mandalas, que aparentemente não significavam nada, mas eram na verdade memórias vivas do que éramos naquele momento.

Outro momento muito importante desta disciplina foi o renascimento de alguns colegas que foram rejeitados ao nascer e isto me fez compreender o quanto somos fortes e ao mesmo tempo tão frágeis. Quando somos adultos, temos lembranças que nos deixam completamente vulneráveis.

Em um dos estágios de campo, que fizemos no tempo comunidade, tive a oportunidade de atuar como educadora de educação infantil. Neste estágio foi possível perceber a necessidade que as crianças do campo têm em estarem sendo valorizadas enquanto sujeitos que falam, que pensam e que agem, com as mesmas necessidades que eu sentia anos atrás quando fui à escola e não entendia a sua dinâmica.

Ao chegar em casa, observava meus filhos pequenos, eram crianças muito diferentes das que eu trabalhava na pré-escola, no entanto tinham algo em comum, a vontade de estarem sempre brincando.

Fazia comparações entre as atividades desenvolvidas na turma e percebia que as crianças gostavam mais das atividades que envolviam brincadeiras, elas nunca queriam sentar-se. Enquanto as crianças sentiam vontade ou necessidade de brincar durante as aulas, sentia a necessidade de entender melhor este universo infantil, que ao ser tão complexo tornou-se tão curioso para mim.

Este processo de formação fez com que despertasse em mim uma determinada curiosidade, em relação ao aprendizado das crianças dentro do espaço escolar, considerando que elas estão sempre se movimentando, e tendo em vista também o desejo que sinto de brincar, mesmo depois de adulta. Às vezes penso que deixei de viver algo na minha infância e isso deixou em mim uma lacuna, que não sei bem o que é, mas posso sentir, talvez seja pelos círculos de amizade na minha infância terem sido poucos.

As necessidades sentidas por mim, anteriormente quando criança, são as mesmas sentidas pelas crianças hoje nas escolas do campo. Por mais que a escola tenha mudado, os conteúdos continuam os mesmos dos da cidade, os calendários escolares são os mesmos para todas as escolas, as vivências das crianças do campo e seus conhecimentos não são considerados pela escola.

As escolas do campo sempre foram precárias e a carência de profissionais que estivessem dispostos a trabalharem nestas regiões era e ainda é grande os problemas variam de acordo com a região como a falta de estrada, a distância e própria falta de material didático.

## CAPITULO II – FALANDO DE EDUCAÇÃO RURAL E AS PROPOSIÇÕES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

### 2.1 - A Educação Rural

A educação oferecida no meio rural nunca foi fundamentada na vivência das pessoas que participaram desse processo formativo. Partindo do ponto que, a educação no meio rural teria lugar na Lei de Diretrizes e Bases-LDB- de 1961. Considera-se que esses direitos não saíram do papel, pois o que se viu durante muitos anos no meio rural foi o descaso total pela educação que deveria ser de qualidade, nos retrata bem isso.

Nem liberal nem capitalismo monopolista, mas com o discurso essencialmente conservador- nacionalista esse congresso de educação não definiu claramente os óbices da produção agrícola brasileira e da própria educação rural, mas sabia que ela era essencial para a manutenção do *status quo* não só da sociedade como do próprio Estado. (LEITE, 2002, p.31).

O autor nos faz refletir sobre a intenção de não melhoria educacional para o povo do campo. Pode- se dizer que, mesmo enfrentando vários problemas no meio rural, entre eles a falta de escolas e estradas, os trabalhadores rurais conseguiam se mobilizar e lutar pelos seus direitos, embora que por inúmeras vezes estas lutas terminassem em massacres e mortes. Podemos observar que ainda hoje as escolas do campo são tratadas com descaso, como se os trabalhadores rurais fossem menos dignos do que qualquer outra pessoa.

Historicamente o campo tem sido inferiorizado no que se refere ao atendimento prestado a essas populações, assim a educação expressa bem isso, quando esta é ofertada por meio de políticas compensatórias e a falta de estrutura, seja de recursos materiais, seja de profissionais para o atendimento nessas comunidades.

Por mais que se tenham várias discussões que defendam a melhoria da educação no meio rural precisamos de políticas voltadas para essas questões, com o objetivo de

ampliar e melhorar a qualidade da educação nas áreas de assentamentos, atendendo não só crianças e jovens, mas também adultos que não tiveram a oportunidade de estudar e que precisam de uma educação diferenciada, respeitando sua cultura, suas histórias e valorizando cada um como homens e mulheres do campo.

Estas discussões ainda estão muito longe dos trabalhadores do campo, que por sua vez vivem em realidades específicas e que as políticas e leis que garantem seus direitos não saem do papel.

No modelo de desenvolvimento que vê o Brasil apenas como um *mercado emergente*, predominantemente urbano, camponeses e indígenas são vistos como espécie em extinção. Nessa lógica, não haveria necessidade de políticas públicas específicas para essas pessoas, a não ser do tipo compensatória à sua própria condição de inferioridade e/ou distante de pressões sociais. A situação no meio rural, hoje, retrata bem essa visão (KOLLING, 1999. p. 21).

No que concerne ao atendimento do seguimento da Educação Infantil, por mais que essa esteja evidenciada em documentos oficiais como direito das crianças de 06 anos, ainda é tratada com descaso total, pois em vários assentamentos a oferta de educação infantil é inexistente.

Mas vale aqui ressaltar que, as lutas e a organização dos trabalhadores rurais por espaços mais dignos deram alguns frutos, pois foi através destas lutas que alguns programas foram criados, como PRONERA entre tantos outros.

Várias foram às experiências no segmento de EJA (Educação de Jovens e Adultos) nos assentamentos, entre elas podemos citar o projeto Vale Alfabetizar, que não teve grande êxito pelo fato de não oferecer condições para que as pessoas alfabetizadas continuassem na escola. O projeto não contemplava as necessidades dos sujeitos, pois na época das chuvas, por exemplo, muitas pessoas deixavam de frequentar a escola, isso porque o projeto não pensava numa dimensão que respeitasse o tempo de chuvas.

Em 1999 iniciaram-se algumas turmas do EJA no e sudeste do Pará pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária/PRONERA, que tinha como

objetivo proporcionar aos trabalhadores rurais uma nova proposta pedagógica considerando suas especificidades, sobretudo a realidade dos sujeitos do campo contrapondo ao modelo de educação e escola rural onde as metodologias se embasavam nos princípios da educação de FREIRE(1979).

[...] somente um ser que é capaz de sair de seu contexto de “distanciar-se” dele para ficar com ele; capaz de admirá-lo para, objetivando-o, transformá-lo, saber-se transformado pela sua própria criação; em ser que e está sendo no tempo que é o seu um ser histórico somente este é capaz, por tudo isso de comprometer-se ( p.17).

Os sujeitos do campo são capazes de escrever e reescrever suas próprias histórias, reafirmando sua resistência e mostrando seus valores que lhes têm sido negado durante muito tempo, e assim abre-se uma oportunidade para os sujeitos do campo, mas que tem ajudado os trabalhadores rurais.

A luta dos trabalhadores rurais, por melhores condições de vida fez com que programas fossem criados entre eles o (PRONERA) o nome também sofreria influência, já que a educação que se pensa é para atender as necessidades dos trabalhadores, embora o que se tenha ainda seja educação rural, mas o que realmente se quer é que tenhamos uma educação que valorize os sujeitos do e no campo.

## **2.2 – A Educação do campo**

Educação do Campo, um assunto que aos poucos vem ganhando respaldo nas discussões educacionais, até então não tratada com a importância merecida, pois a Educação oferecida no campo sempre foi marcada pela precariedade. Os educandos do campo sempre foram desprivilegiados por não haver políticas públicas voltadas para atender as necessidades dos trabalhadores.

A educação do campo é uma proposta “nova” que ganhou maior visibilidade nessas últimas décadas com as experiências do PRONERA, por se constituir outra metodologia de ensino, que valoriza a realidade e organicidade das pessoas que vivem no campo. Experiências vividas comprovaram a importância da valorização dos saberes

existentes nos assentamentos e dentro desta importância na necessidade de retomar as discussões que moveram e impulsionaram trabalhadores e trabalhadoras rurais ao longo de suas vidas. Necessariamente a educação do campo visa atender um determinado público que por sua vez são diferentes, pois como diz CALDART(2002):

Os povos do campo têm uma raiz própria um jeito de viver e de trabalhar, distinta do mundo urbano, e que inclui diferentes maneiras de ver e de se relacionar com o tempo, espaço, meio ambiente, bem como de viver e organizar a família, a comunidade, o trabalho e a educação ( p.16).

A Educação do Campo, mais precisamente para jovens e Adultos, foi um novo caminho a seguir. Um caminho a seguir que levaria a passagem de uma nova forma de educar, não para o mercado de trabalho, pois muitos agricultores se obrigam a deixar seus filhos fora da escola ou mesmo mandam estudar na cidade, se desejarem continuar os estudos. O PRONERA surge a partir das mobilizações dos movimentos sociais do campo e partindo de outra concepção de educação e de escola nos proporcionou um novo olhar sobre o campo.

Cabe aqui lembrar que a educação do campo não está restrita apenas a jovens e adultos, mas também a todos os sujeitos dessa realidade, desde a educação infantil até o ensino superior. Considerando que, o primeiro contato escolar da criança é na educação infantil onde ela começa a estabelecer relações fora do ambiente familiar, é neste momento que a escola precisa ter as características necessárias de uma escola do campo, desde a forma como estas crianças são recebidas até as propostas pedagógicas e metodológicas desenvolvidas com elas.

O que me levou a refletir sobre o que somos e o que pensamos da educação do campo foram os vários autores estudados, que mostraram uma visão contrária de tudo que tínhamos visto nas formações anteriores, onde o bom aluno é aquele que sempre fica quieto no seu lugar, não fala, não questiona e aceita tudo calado como se tudo que lhe dessem estivesse “certo”.

Um dos princípios da educação do campo é baseado na educação transformadora, que liberta o indivíduo do seu jeito comum de olhar o mundo e

possibilita-o ver o mundo com um olhar mais crítico, no sentido de reconstruir o que se tem, não se conformando com a situação vivenciada, mais tentando superá-la.

A educação do Campo surge de uma luta contínua e árdua de vários movimentos sociais do campo no sudeste do Pará, podemos citar a Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura [FETAGRI], o Movimento Sem-Terra [MST], a Comissão Pastoral da Terra [CPT], entre outros que vieram para desmistificar a ideia de que o campo é local de pouco conhecimento, pois o trabalhador do campo tem a capacidade de ser sujeito crítico capaz de construir sua própria história.

Em meio à formação percebemos que a educação do campo é um novo caminho para uma concepção diferenciada de educação e é a possibilidade que temos para mudar o conceito do homem do campo. *“A educação do Campo precisa extrair as lições de pedagogia das lutas sociais que estão em sua origem e com formação dos sujeitos destas lutas” (KOLLING, 2002, p.33).*

Nada melhor que a formação dos próprios participantes para a educação do campo. É necessário fortalecer os movimentos sociais do campo, e para que isso possa acontecer é importante a valorização dessa luta. Torna-se fundamental a formação das pessoas que estão lá, pois de nada adianta formar pessoas da zona urbana para atuarem na zona rural, seria preciso ampliar seu mundo de conhecimento, tanto formal como vivenciado, e para que uma nova compreensão de mundo seja proposta precisa-se que haja uma identificação com a educação do campo.

Não se pode falar de educação do campo sem falar da luta dos movimentos sociais por um espaço digno na complexidade social dos camponeses. O campo tem sido um local marcado pelo descaso por parte das políticas públicas educacionais que, estrategicamente, têm se mobilizado para que os camponeses sejam esquecidos historicamente.

A Educação do Campo veio justamente para desmistificar o tabu de que trabalhadores (as) do campo não têm capacidade de discutir seus próprios direitos, pois sendo uma conquista dos movimentos sociais, a educação do campo busca atender as necessidades específicas de crianças, jovens e adultos do e no campo.



### 2.3 - A Educação infantil no e do Campo

A infância, em sua trajetória histórica, foi marcada por grande descaso, pois com a evolução da sociedade, o conceito de infância passou por várias modificações, porém este conceito tem suas variações e determinações dependendo do tempo histórico em que se encontra a sociedade, pois:

A idéia de infância, como se pode concluir, não existiu sempre, e nem da mesma maneira. Ao contrário, ela aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a inserção e o papel social da criança na comunidade. Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto “(de adulto)” assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura. Este conceito de infância é, pois determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade (KRAMER.2003, p.19 ).

A autora trata de uma questão muito importante que nos leva a entender a relação de infância e sociedade que se tinha e como esta tem se modificado até os dias de hoje. Pode-se dizer que, em especial a educação infantil, tem se constituído, lentamente talvez pelo próprio fato histórico vivenciado, durante vários anos.

A educação infantil por muito tempo foi deixada de lado e vista como algo insignificante, tratada muitas vezes apenas como cuidado infantil, mas este conceito aos poucos tem se modificado no âmbito nacional.

Hoje temos leis, parâmetros e políticas educacionais que asseguram os direitos da criança e, principalmente, no que se refere à educação infantil. São direitos que, possivelmente, teriam que ser garantidos rigorosamente, já que as leis são para todos. Dessa forma, a educação infantil seria uma etapa muito importante na vida do seres humanos.

Ainda há uma carência muito grande destas leis em relação ao que temos de educação infantil no campo, pois não se tem uma formação específica para estes profissionais e os métodos utilizados correspondem aos objetivos de uma educação

mecanicista, onde os sujeitos são levados a codificarem determinados conteúdos, tornando-se sujeitos alienados desde muito cedo.

A educação infantil de 4 a 6 anos tem se destacado por ser a primeira etapa da educação básica, e este conceito tende a se complicar, pois quando se pensa a educação infantil como momento em que a criança, por estar no ambiente escolar, tem que “aprender” a ler, escrever e contar, a tendência deste tipo de ensino é criar miniaturas de adultos, negando assim os direitos à vida, à diversão, à espontaneidade e à construção de conhecimentos.

Toda criança precisa, dentro e fora do espaço escolar, que seus direitos sejam respeitados, considerando seus momentos mais bonitos e também mais específicos, atendendo cada ser como um, dentro de uma totalidade maior, que seria o grupo, pois como diz KRAMER:

Entende-se, comumente, “oposição ao adulto: oposição estabelecida pela falta de idade ou de “maturidade” e “de adequada integração social”. Ao se realizar o corte com base no critério de idade, procura-se identificar certas regularidades de comportamento que caracterizam a criança como tal. Entretanto, a definição desse limite está longe de ser simples, pois ao fator idade estão associados determinando papéis e desempenhos específicos. E esses papéis e desempenhos ( esperados e reais) dependem estreitamente da classe social em que está inserida a criança. (KRAMER, 2003, p.15)

Dentro de sua singularidade e, ao mesmo tempo, complexidade, a educação infantil não tem sido pensada minuciosamente para atender um público específico, ou seja, a educação infantil que é oferecida na zona urbana é a mesma oferecida no campo.

Não podemos dizer que a realidade das crianças que moram na cidade é igual à realidade de crianças que moram no campo, que tem que acordar 06 horas da manhã para entrar em um carro e só meia horas depois chegar à escola, e que muitas vezes estas crianças chegam de volta em casa 12:30 do dia, sem falar nos dias que falta merenda na escola.

O carro não pode levar mais cedo pelo fato de ter que levar para a escola outras crianças que estudam na parte da tarde. E se essas crianças, que desde cedo, enfrentam

varias dificuldades para estudar, chegam à escola e não podem ser elas mesmas, o desejo de freqüentar a escola pode se tornar fraco.

A diferença é que as escolas do campo são tratadas com mais desprezo, em todos os sentidos, desde educação infantil até o ensino fundamental maior. Mas cabe dizer que, esta seria uma discussão mais ampla, o que queremos aqui destacar é a educação infantil do campo que, por sua vez, ainda não adentrou no que se pensa hoje como educação infantil.

Sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças; corresponde, na verdade, à consciência da particularidade infantil, ou seja, aquilo que distingue a criança do adulto e faz com que a criança seja considerada como um adulto em potencial, dotada de capacidade de desenvolvimento. (KRAMER, 2003, p.17)

Valorizar a criança como um ser em construção, dotado de capacidades e estratégias dentro de um espaço denominado escola, não é, em hipótese alguma, tarefa fácil, pois somos seres adultos considerados inteligentes e “donos da verdade”, no entanto, nunca paramos para nos questionar sobre como as crianças elaboram planos, acham soluções, criam conceitos, fazem amigos, se relacionam e entendem esses amigos, interagem com o mundo e interpretam este mundo, e fazem isso através de suas brincadeiras, pois:

Um dos aspectos que marca a infância em geral é a brincadeira, e essa é para a criança aquilo que o trabalho é para o adulto, isso é, sua principal atividade. As crianças brincam independentemente da época, da cultura ou classe social. Podemos dizer que o brinquedo está na essência da infância, e que o brincar é um ato intuitivo e espontâneo da criança. (CALDART, 2006, p. 124)

Seria mais fácil, derrepente, dizer que as crianças estão sempre aprontando coisas. Eu diria que elas estão sempre construindo coisas, pois é nos momentos de brincadeiras, também, que esses seres tão pequenos e ao mesmo tempo tão complexos, conseguem se comunicar, participar ativamente com outras crianças ou sozinhas. É o

que podemos chamar de inventar e reinventar a vida de maneira prazerosa, coisa que nós adultos somos incapazes de fazer.

E, por sua vez, as crianças do campo, não são diferentes das outras crianças. Em suas capacidades e limites se movimentam, perguntam, inventam e reinventam, descobrem coisas o tempo inteiro. A grande diferença, ou talvez nem seja diferença, é que as crianças, no geral, não são vistas desta forma, são vistas como seres condicionados a serem moldados e lapidados pelo educador ou educadora.

É possível ver nas Diretrizes Operacionais de educação do campo que, pouca coisa se refere à educação infantil do campo, mas abre alguns leques quando diz que:

Nestes termos, é possível dizer que, a educação infantil não está desvinculada das prioridades que as diretrizes garantem para a educação do campo, tendo em vista que as crianças passam a menor parte de seu tempo na escola e a maioria convivendo com outras pessoas e tendo outras relações sociais.

As crianças do campo precisam apropriar-se de saberes que são do seu mundo, que no caso é o campo, e isso não necessariamente precisa estar desvinculado da escola ou vice versa, as duas coisas poderão caminhar juntas, desde que, este seja um assunto claro nas propostas pedagógicas da escola.

As crianças precisam ser vistas como crianças, dentro de um contexto histórico-cultural, e que por mais que a escola seja um espaço novo para a criança, esta não precisa ser um ser novo para a escola. Ela traz consigo um vasto acúmulo de conhecimento que pode ser aproveitado dentro da própria escola, respeitando os horários que são necessários para a brincadeira, para ouvir, cantar, pular, passear.

## CAPITULO III – CAMINHOS DA PESQUISA

### 3.1 – A Coleta dos Dados

Esta pesquisa se configura como uma pesquisa-ação tendo como requisitos dados qualitativos. Assim a pesquisa-ação tem por finalidade a intervenção na realidade pesquisada, diferente de realizar diagnóstico, ela propõe uma mudança na realidade investigada, pois *“A ideia defendida nesse ponto é que a pesquisa-ação deve evitar os riscos de propor-se como técnica meramente investigativa, pois tal posição a tornaria facilmente um instrumento ideológico”* (FRANCO; GHEDIN, 2008, p.72)

A escolha em realizar a pesquisa-ação se fez necessária, uma vez que o estudo poderá contribuir na transformação da realidade em questão, sendo este um dos principais objetivos quando me propus realizar esse trabalho científico, pois como diz Franco e Ghedin (2008, p.74) *“ver não é apenas perceber o objeto, mas fundamentalmente interpretá-lo. O universo da percepção é um feixe de interpretação”*.

Na realização dos trabalhos, vários foram os procedimentos utilizados na realização da pesquisa. A princípio busquei algumas leituras que pudessem subsidiar as discussões às quais o estudo se direcionava. Na coleta de dados optei por fazer a observação do espaço da sala de aula, a fim de compreender como eram desenvolvidas as práticas de educação infantil na escola estudada.

Tal opção metodológica, para além de seu caráter meramente metódico, possibilita trazer novos elementos que outras formas de coleta de dados não contemplariam, pois a técnica de observação é de suma importância para o reconhecimento do espaço em que se deseja pesquisar.

Ludke & André (1986) afirmam que, se *“usada como principal método de investigação ou associada a outras técnicas de coleta, a observação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens”* (p.26). Levando em consideração o que o autor diz, a pesquisa, em seu primeiro momento, partiu da observação da realidade.

A segunda parte da pesquisa foi realizada através de entrevistas, a partir de um roteiro semi-estruturado, onde continha perguntas relacionadas as práticas da educadora, sua percepção e qual o acompanhamento pedagógico que recebia para desenvolver as atividades, a entrevista foi realizada por considerar de fundamental importância como instrumento para obter informações sobre as questões a serem pesquisadas.

Dessa forma, a utilização da entrevista possibilita um diálogo com o sujeito da pesquisa, assim deixa uma maior liberdade ao pesquisador em trazer novos questionamentos, a fim de melhor compreender o contexto em que se realiza a pesquisa e, ao mesmo tempo, de trazer novos dados, que surgem durante esse diálogo entre entrevistado e entrevistador. E, também, por entender que a mesma trás elementos que podem esclarecer os fatos e, ainda, é um momento que se pode ter um maior envolvimento com o sujeito entrevistado, pois *“na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde”* (LUDKE & ANDRÉ, 1986, p.33).

A escola onde foi realizada a pesquisa atende mais de trezentos alunos desde o ensino infantil até o nono ano, a professora observada terminou o ensino médio e está cursando pedagogia em uma universidade particular. Este é seu primeiro ano de com a educação infantil, sua turma é formada por 14 crianças, entre 5 e 6 anos de idade, sendo 6 meninos e 8 meninas.

Como no assentamento só tem duas turmas de educação infantil, foi escolhida essa turma, acima descrita, para a realização da pesquisa. Os motivos da escolha foram por já estudarem na educação infantil há dois anos e por considerar que a vivência escolar já tenha certa influência em suas vidas.

A entrevista foi feita com a professora da turma por entender que ela possui um papel muito importante no espaço escolar, e dentro deste mesmo espaço tem em suas mãos uma grande responsabilidade, pois, neste contexto, tende a mediar o processo de ensino-aprendizagem das crianças. Segundo Tardif (2002) *“o professor ocupa na escola, uma posição fundamental em relação ao conjunto dos agentes escolares em seu trabalho é o principal ator e mediador da cultura e dos saberes escolares”* ( p.113).

O processo das observações durou duas semanas, onde foi observado quais eram as metodologias trabalhadas e o desenvolvimento das crianças diante das atividades

desenvolvidas, após as observações e a entrevista foi criada a proposta de intervenção para o processo pedagógico e metodológico com a turma a qual tinha como objetivo valorizar os recursos disponíveis no campo, como as músicas e as brincadeiras. Nessas atividades a educadora participou parcialmente dos momentos de formação. A proposta foi elaborada não no intuito de reprovar ou criticar as práticas da educadora, mas com o propósito de ajudá-la a compreender melhor o universo infantil dentro da realidade, neste caso, das crianças de educação infantil no campo.

Para o desenvolvimento das atividades foi utilizado como técnica de registro a fotografia das ações desenvolvidas na turma e os relatórios diários escritos, a partir do processo formativo que aconteceu na sala de aula.

A proposta visou trabalhar novas estratégias metodológicas, que até então não tinham sido experimentadas pela educadora, levando em consideração as fases das crianças e as relações sociais dentro e fora da escola. Por último, a partir dos dados coletados, seja nas observações, ou nas entrevistas e na ação de intervenção, foram realizadas as análises com o propósito de responder ou não as questões levantadas neste estudo.

### **3.2 – O Campo da Pesquisa: histórico e características do Projeto de Assentamento São Francisco**

A história de luta pela terra, no sudeste do Pará, apresenta um cenário de muitos conflitos, onde vários trabalhadores rurais perderam suas vidas, porém isso não serviu para intimidar a luta. E foi neste contexto de lutas, conflitos e mortes que se materializa, no município de Eldorado do Carajás, e o Projeto de Assentamento São Francisco.

O processo de ocupação do Projeto de Assentamento São Francisco se deu a partir de um grupo, de 40 trabalhadores, que se juntaram para ocupar uma das fazendas que pertenceu ao Sr. Vavá Mutran, mas que no momento da ocupação, segundo moradores do assentamento, as terras já pertenciam a um grupo de paulistas que moravam em São Paulo e que ninguém sabia coisa alguma sobre eles. A ocupação se deu de maneira conflituosa entre trabalhadores rurais e os supostos donos da terra.

Na época estes conflitos agrários eram muito frequentes na região, no assentamento alguns posseiros foram mortos covardemente, pois como existia bastante mata na região, isso facilitava os esconderijos dos pistoleiros, que por sua vez, tentavam intimidar os posseiros, como assim eram chamados. Só depois do conflito, que resultou em mortes de dois trabalhadores, é que a área foi regularizada sendo reconhecida como Projeto de assentamento São Francisco.

Na época em que o local ainda era uma ocupação de terra, os trabalhadores já começaram seus plantios de banana, que veio se tornar o foco e principal atividade agrícola desenvolvida pelos agricultores, o que posteriormente veio ser reconhecida como vila da banana, por ser o principal produto produzido no local.

Em uma conversa com um dos moradores do assentamento, que chegou um ano após a ocupação, ele disse que: *“A primeira atividade foi banana, porque quando eu comprei tinha um ano que o pessoal tava mexendo aqui e quando eu cheguei tinha muita banana na região”* (Agricultor A. S.S. 13 anos que mora no assentamento).

Desde sua ocupação o assentamento passou por várias etapas de mudanças. A primeira foi a entrada dos madeireiros, que por sua vez se apossaram da falta de informações e necessidades dos agricultores em relação ao preço das árvores, aberturas de estradas, entre outras questões, sem falar que estes madeireiros escolhiam as árvores que iriam comprar.

Na época o preço variava dependendo de cada árvore e muitos agricultores, visando melhorar o acesso até suas casas, vendiam as árvores em troca de ramais de estradas sem pensar nas conseqüências que viriam depois. Quem comprava a madeira também não estava preocupado com a floresta, como é possível perceber no depoimento abaixo:

O que mais contribuiu para o desmatamento não foi o setor de madeira, eu acho que foi a carvoeira, porque carvoeira você se aproveita tudo que tem em cima da terra, todo tipo faz ao de madeira aí a pessoa faz cinco equitares, aí pra trabalhar um período aí chega o período da chuva, ele faz mais cinco ou dez pra prevenir pro inverno e eu acredito que foi o que acabou com as matas... Não, eu acho que não, até porque madeira não acaba com a mata, acaba com as árvores grandes de porte mais, a mata ela não prejudica em nada, com dois anos ela repõe tudo de novo, só não as arvores de 50 e 100 anos, não tem como, né?... Carvoeira acaba tudo, foi um ano depois do



assentamento já começaram as atividades, porque a primeira roça que foi derrubada aqui o pessoal já montaram carvoeira que quando eu trabalhava na região aqui com ramo de madeira, madeira pra serraria já mexiam com carvoeira na região então foi junto com o assentamento junto com a invasão (Fala do Agricultor A.S.S.).

Neste depoimento, o assentado relata um pouco das atividades vivenciadas pelos próprios agricultores, que viam nas carvoeiras, uma fonte de renda para o aumento do sustento de suas famílias e o aproveitamento das madeiras derrubadas, quando faziam suas roças.

É possível perceber também que, as práticas de desmatamento tornaram-se frequentes na região, os agricultores não desmatavam apenas para o plantio de alimentos, mas também para a produção de carvão, onde os fornos já eram feitos dentro da própria roça. Assim derrubavam a mata em maiores quantidades visando à limpeza da terra para o plantio e na madeira para o carvão.

Mais tarde depois da regularização da área em projeto de Reforma Agrária os trabalhadores tiveram acesso a créditos como o FOMENTO, o PRONAF A e o PRONAF B, que trouxeram alguns benefícios para os assentados. Diante disso, por mais que essa situação tenha melhorado a qualidade de vida dos camponeses, por outro lado, trouxe grandes problemas ambientais como o desmatamento para a inserção da pecuária.

Outra atividade que marca a trajetória do assentamento é a chegada das carvoeiras, nesse período a economia do assentamento subiu, os agricultores em geral resolveram investir em carvoeiras, pois além de “limpar” a terra poderia oferecer “lucro” com a venda de carvão. Uma questão que, talvez, não tenha sido pensada a longo prazo, é que essa atividade acabou viabilizando ainda mais a criação de gado, pois a terra já estava pronta para o plantio de capim para a criação de gado.

Os projetos chegaram ao assentamento numa boa hora e foi ajuda pra todo mundo, e eu ainda não conheço uma pessoa que diz que não ficou satisfeito com ele, o projeto que o governo soltou e tem muitos outros ainda pra ser liberado. Os projetos teve pontos positivos, trouxe água nos pastos, né? Quem que ia viver sem água? Porque região seca,

nem todos tem acesso ao rio, então pra mim é de grande importância (Fala do agricultor A.S.S.).

Nesta fala, percebe-se que, os projetos de crédito trouxeram alguns benefícios aos trabalhadores, no entanto, não apresentavam nenhum incentivo para a preservação da floresta, para agricultura familiar. Eles eram destinados para a criação de gado, e como a tendência do gado é aumentar, o plantio de capim também aumentou e, conseqüentemente, o aumento das áreas desmatadas.



Imagem: 1 e 2 Desmatamento para o plantio de Capim  
Fonte: Izidoro

Aos poucos o assentamento tem se modificado, e hoje, com menos de quinze anos, as matas que existiam já não existem mais. Com a expansão do assentamento, o surgimento dos comércios e a criação de gado, outros profissionais passaram a morar na vila, entre eles pessoas que atuam como pedreiros, funcionários públicos como agentes de saúde, professores e aposentados de outras regiões.

Hoje no assentamento vivem 212 famílias, precisam comprar de tudo para comer, desde o feijão até o milho para as galinhas. As famílias que permaneceram no assentamento vivem da produção de leite, outros do comércio, sete famílias foram embora por não ter mais como ficar no assentamento, ainda têm aqueles que vivem da produção de banana, o único tipo de agricultura que permaneceu e que é cultivada por alguns agricultores.

Sobre os aspectos relacionados à infra-estrutura do local, as estradas, anteriormente feitas pelos madeireiros, foram reformadas várias vezes, e muitas dessas

vezes, reformadas pelos próprios agricultores, que se reuniam em suas vicinais e pagavam os serviços dos tratoristas para facilitar o acesso até suas moradias.

Mesmo os agricultores se reunindo, para articularem a melhoria das estradas vicinais elas continuam em péssimos estados e pioram com a chegada do inverno, as pontes que por sua vez são feitas de tábuas também estão em estado precário já que a presença de madeiras na região é escassa.



Imagem 3 e 4: Condições das estradas vicinais que dão acesso ao Assentamento  
Fonte:Antonia Izidoro

Em se tratando dos espaços da fazenda que resultou no Projeto de Assentamento, ela tinha duas grandes casas, uma onde seria a casa de morada ou de passeio, e que mais tarde tornou-se a escola improvisada para os filhos dos assentados, e a outra era usada como depósito de castanhas, onde eram guardadas pelos castanheiros que as juntavam para, posteriormente, serem transferidas para outro lugar.

As atividades escolares desde 1997 até o ano de 2008 continuaram acontecendo no antigo casarão da fazenda, só em 2009 a escola que já estava sendo construída em 2008, mas que, no entanto só foi inaugurada em 2009 passou a funcionar. Isso implica dizer que passaram-se dez anos até ser construída a escola do assentamento.



Imagem 5 : Escola Ouro verde ano 1997 a 2008

Imagem 6 : Escola Ouro verde 2010

Fonte: Antonia Izidoro

O lugar de armazenamento da castanha foi modificado a partir do momento em que o índice da malária era agravante na região. Não havendo outro lugar na época para fornecer apoio estrutural para as pessoas que faziam este trabalho de coleta de sangue, a casa foi reformada pela prefeitura e passou a ser usada como posto de saúde.

O assentamento foi ganhando novas características, ou seja, as pessoas mudaram seus hábitos, as festas comemorativas e as práticas culturais cedem lugar a outras atividades, como por exemplo, “A festa do Produtor Rural”, que acontece uma vez por ano no mês de agosto e sempre é organizada pelo presidente da associação e alguns pecuaristas da região. Esta é uma das festas que acontece durante o ano no assentamento, onde todos os assentados se reúnem.

A escola que, anteriormente, organizava vários eventos durante o ano agora, por sua vez, organiza com menos frequência algumas festas comemorativas, como por exemplo, a festa junina e a do dia das mães, enquanto que outras atividades como os festejos da comunidade, foram sendo deixadas de lado.

No assentamento há uma diversidade de religiões entre elas, a igreja católica, evangélica assembléia de Deus, sendo que esta última foi se expandindo no P.A sendo, agora, a responsável pela maioria das festas, onde uma grande multidão participa, tanto pessoas do local como de outros P.A’s vizinhos.

Em relação às comemorações realizadas no assentamento, no final do mês de agosto, que é comemorado “A Festa do Produtor Rural”, são realizados leilões de

bezerros, bois e vacas, também são feitas passeatas e festas dançantes, uma grande quantidade de pessoas participam do evento.

Essas atividades por mais que se caracterizem umas atividades que contrapõem a lógica dos trabalhadores, aos poucos as pessoas assumem as mesmas práticas de outros sujeitos sociais, pois tal prática se configura como ações do latifúndio e isso, às vezes, se confunde com a identidade dos trabalhadores rurais, uma vez que estes, conscientes ou inconscientemente, realizam atividades que reafirmam as práticas dos grandes fazendeiros.

Ao tratarmos sobre a educação das famílias, as primeiras turmas na escola do assentamento foram abertas a partir do ano de 1997, pois já existiam várias crianças com idade de estudar. Não tendo lugar para estudarem e com a pressão da comunidade inaugura a primeira escola com duas turmas de multissérie, as quais eram ministradas no casarão da antiga sede da fazenda, que até então era o único espaço disponível.

A situação para estas crianças não era fácil, pois muitas tinham que andar bastante apara chegarem até a escola, que muitas vezes nem merenda tinha. Existia na época uma única professora para essas turmas, onde a mesma tinha acabado de se formar e tinha que ir todos os dias para o assentamento, pois morava no município de Marabá-Pará.

As turmas foram aumentando com o decorrer dos anos e isto fez com que outros professores fossem contratados pelo município para atender a demanda existente no P. A. O nome da escola, “Ouro Verde”, foi escolhido pela própria comunidade. Esse nome representa as ricas castanheiras que existiam no assentamento.

Logo no início da ocupação, as pessoas da comunidade não exigiam muito a implantação da educação infantil. A escola tornou-se um espaço “novo” na medida em que foi construída via Governo do Estado, em 2008. Uma construção que está apenas com dois anos de uso e sua estrutura física já está com problemas, pois não houve uma fiscalização durante a obra e isto, talvez, tenha facilitado o descaso com que foi realizado o trabalho.

Por mais que o assentamento tivesse várias turmas, a educação infantil não estava incluída entre as modalidades de atendimento na localidade. Só foi em 2006 que

a primeira turma de educação infantil surgiu para atender crianças de 4 a 6 anos. A professora que assumiu o cargo era do Município de Eldorado-Pará.

O barracão onde antes aconteciam as aulas abrigava 05 (cinco) turmas pela manhã e 05 (cinco) turmas à tarde. Então a comunidade se reuniu e resolveu que o melhor seria que estas crianças estudassem na igreja católica, uma pequena casa de tábuas. Neste período não havia no assentamento uma sala específica dentro da escola para a educação infantil.

A turma era formada por 19 (dezenove) alunos, onde a maioria eram moradores da vila, sendo em maior quantidade as meninas e em menor os meninos. A professora que trabalhava com essas crianças morava na cidade que fica a 35 km de distância do assentamento, cabe dizer que a mesma não tinha vínculo nenhum com a comunidade, conhecia pouco sobre cada criança e os planejamentos realizados eram feitos na cidade com outros professores de educação infantil da cidade.

## CAPITULO IV - OS DADOS DA PESQUISA

### 4.1 - Práticas docentes na Educação Infantil

As práticas docentes, que são realizadas na Turma A de Educação Infantil, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ouro verde na sua grande maioria, direcionam o ensino para o processo de alfabetização, onde as crianças realizam atividades que seguem as rotinas diárias, as tarefas mimeografadas e as tarefas copiadas no quadro.

Durante o período de observação foi possível notar que, nas atividades propostas em sala de aula, as crianças ficavam sentadas e quietas, onde os conteúdos e as atividades são trabalhados de acordo com os desenhos apresentados pela professora. Por exemplo, se a tarefa tivesse frutas, os nomes das frutas estariam escritos para, a partir daí, serem trabalhadas as letras e posteriormente as sílabas. Às vezes a educadora fazia a leitura de algumas histórias da literatura infantil.

As atividades realizadas na sala de aula, por muitas vezes, não condiziam com a realidade dos educandos, como por exemplo, a palavra UVA, entre outras imagens e palavras que foram apresentadas para as crianças, onde possivelmente as mesmas não conhecem, talvez nunca comeram, e se conhecem não é uma fruta que faz parte da produção local.

Quando perguntada a respeito dos objetivos de ensino para a educação infantil, a professora apresentou a seguinte resposta: “[...] *Ele também vai aprender a pegar o caderno direito, corretamente, também se comunicar. A também aprender se comunicar com as outras pessoas, com os novos coleguinhas na sala.*” (Fala da Professora).

O que se percebe é que a professora se limita a observação de que a criança precise “aprender” a pegar no caderno e que o manuseio com objetos acontece desde muito cedo na vida das crianças. De certa forma, isso é importante, no entanto ela poderia levar em consideração outras situações que contribuem para o desenvolvimento das crianças em outras necessidades de aprendizagem.

Ao observar as práticas em sala de aula podemos perceber que as práticas da educadora, muitas vezes, desconsideram os conhecimentos prévios, pois, em muitas situações, leva os educandos a processos de repetição, cópias e memorização de conteúdos julgados necessários para que os mesmos aprendam.

Quando questionada a respeito da metodologia adotada no ensino da educação infantil, a professora relatou, de forma segura, que:

Através da rotina quinzenal. Eu trabalho primeiro ao entrar na sala, faço uma oração, depois a chamada [refere-se que a rotina de orar e de fazer a chamada é feita todos os dias] e assim canto uma música, para através daquela música, da letra daquela música, agente trabalha aquela letra, um exemplo (Fala da Professora).

Foi possível entender, a partir da fala, que, esta rotina que a educadora apresenta, os passos de todos os dias, são as atividades a serem desenvolvidas pelas crianças. Isto implica dizer que, todos os dias elas repetem alguma coisa que fizeram no dia anterior, como por exemplo a oração e a chamada diária. É importante destacar que, dentro dessa rotina, não estão previstos momentos de diálogo com as crianças, para que elas possam escolher, planejar, expressar o que querem aprender, fazer, cantar, brincar, pode-se dizer que o tempo que a criança passa na escola precisa ser um espaço de construção de conhecimento como diz SERRÃO (2003).

É consenso que a criança constrói conhecimento ao interagir com objetos, pessoas, situações e acontecimentos, enfim com o mundo e no mundo que a cerca, e que o jogo e a brincadeira são formas privilegiadas de ela estabelecer interações. No entanto, o tempo destinado aos jogos e as brincadeiras é bastante restrito ou inexistente na rotina diária, a qual favorece atividades tidas como “mas nobres” e “mais adequadas” a uma instituição escolar. Da mesma forma, qual o espaço destinado as histórias, as artes visuais, ao movimento e a música? Afirmamos reconhecer a criança nas suas múltiplas dimensões, mas ao organizar e estruturar a rotina diária, por vezes, privilegiamos as dimensões sobre as quais exercemos maior domínio e/ou com as quais nos identificamos ( p.29).

É possível afirmar que, quando a professora organiza a rotina para a turma de educação infantil, ela não parece pensar como as crianças gostariam que fosse essa rotina. Neste sentido a autora, acima citada, aponta caminhos para uma reflexão acerca



da rotina, que na maioria das vezes não privilegia atividades lúdicas, artísticas, a interação entre o educandos na troca de experiências.

O que pode ser interessante para os educadores e para a escola pode não ser interessante para a criança, e é esta reflexão que os educadores precisam enquanto mediadores do conhecimento.

A respeito dos conteúdos trabalhados, foi relatado pela professora que:

Em uma semana trabalho uma letra, da mesma música (se refere a uma música cantada no início da semana, onde pega-se uma letra ou uma sílaba e trabalha a semana inteira). Trabalho com letras e também música, com sílabas e também no caso da matemática usamos brincadeiras que podem, ali a letra A, o alfabeto, os pequenos textos pra eles ler. Também é muito usado a carta a cartilha do ABC, “O meu ABC”, através daquela A B C. Pegamos a leitura, eu faço a leitura para cada um aluno, para que eles possam ali ver a letra A. Estudamos também quantidade (Fala da Professora).

O que se pode perceber é que os conteúdos que estão sendo priorizados na educação infantil são letras soltas, pois as letras são trabalhadas separadamente, para uma possível memorização, como se o conhecimento construído pela criança se constituísse de forma fragmentada, onde as músicas trabalhadas pela professora, poderiam ter outra dimensão em termo de valorização do desenvolvimento da própria criança, como sujeito ativo do processo formativo.

A ideia de se trabalhar com música na educação infantil é válida desde que valorize a criança como um ser humano em construção, mas quando as músicas são usadas como uma forma de restringir letras ou palavras como “ensinamento” cria-se uma barreira entre ouvir e interpretar. Pois, se ao cantar uma música de ciranda a criança está limitada às palavras e às letras, as possibilidades dela refletir, questionar e construir conhecimento a partir de determinada música também serão limitadas.

O que foi possível perceber a partir das observações, é que não se tem uma proposta curricular para a educação infantil na escola pesquisada, onde o desenvolvimento da criança, seja levando em consideração a organização metodológica e/ou a escolha dos conteúdos. É notório que o trabalho pedagógico desenvolvido na turma prevê o que o sistema de ensino municipal estabelece como conteúdos e metas a serem alcançados dentro de um calendário escolar.

É importante dizer que, as crianças, na maior parte de seu tempo, inventam, brincam e fazem uma série de atividades e produções, que para o adulto, muitas vezes, não faz sentido. No entanto, são nesses momentos que ocorre a interação da criança com o mundo, acontece a construção de conhecimentos. Neste sentido, as atividades desenvolvidas pelas crianças no seu dia a dia, teriam que ser o foco principal para o desenvolvimento das propostas pedagógicas promovidas pela escola.

O que foi percebido nessa escola, que é do/no campo, é a carência em relação aos recursos didáticos disponíveis, o que talvez esse seja um dos motivos de não ser realizado um trabalho que atenda as necessidades específicas da educação infantil. Essa carência fica evidente na fala da professora quando diz que:

Como nós não temos também muitos materiais como os lápis de cores há o mimeógrafo, as folhas e o extênsil, e também a massa de modelar, a tinta guache. O aproveitamento também, como nós não temos os recursos, todos os materiais, às vezes nós leva pra sala os livros infantil, revistas também infantil e também dados de letras móveis e figuras, só! Usamos o giz também para escrever ao quadro, temos o apagador, também a cartolina, o papel. (Fala da Professora)

A falta de recursos na escola pode dificultar o trabalho de qualquer profissional, principalmente daquele que trabalha com a educação infantil. Isso é um fator que interfere em parte na qualidade do ensino e da aprendizagem das crianças, já que na educação infantil se torna importante a utilização de materiais diversos, que possibilitem a aprendizagem de forma lúdica e prazerosa.

No entanto, existem outros meios que a professora poderia utilizar no processo educativo como as histórias vivenciadas pelas próprias crianças, as músicas que elas já sabem mesmo antes de irem para a escola e os recursos disponíveis no campo. como sementes, plantas, histórico do assentamento e o espaço escolar.

Ao ser questionada sobre quais seriam as estratégias de ensino para a turma de educação infantil a professora disse que;

Tem as estratégias, como por exemplo, as músicas. Trabalho ela ali, cantando em roda, a partir dali faz com que aqueles alunos ali aprender aquela música e eles, se eles gostarem continua, se eles não gostarem nós vamos procurar outra maneira, mas no mesmo conteúdo de trabalhar o mesmo método, mas procurar outra maneira para que possam gostar e ali a história do lobo. (Fala da Professora)

A ideia de usar a música como estratégia de trabalho na educação infantil é interessante, mas é preciso entender como está sendo realizada esta atividade, os objetivos propostos, as estratégias de ensino e a intenção desejada. O educador poderá propor a música, mas também deverá resgatar as músicas que compõem a realidade das crianças, a fim de expor a diversidade apresentada em suas vivências. Dessa forma, o educador poderá estar promovendo a troca de experiências, conhecendo melhor os alunos, e, possivelmente, terá mais condições de propor atividades que se aproximem da realidade dos mesmos.

Logo que a criança adquire seu vocabulário mais rudimentar, já é capaz de improvisar cantando, sejam pequenas frases ou histórias, ou mesmo sequências de palavras sem qualquer nexos, porém mágicas para ela. Canta pelo prazer que experimenta em comunicar-se consigo mesma. (ÁVILA E SILVA, 2003, p.81)

Se, desde pequena a criança consegue desenvolver a prática do cantar, esta prática deve ser ressignificada na escola, como forma prazerosa, tanto para quem canta como para quem escuta, isto possibilitará o processo de ensino aprendizagem mais proveitoso e menos cansativo.

Pode-se dizer que no momento em que a criança começa a se apropriar da linguagem, ela encontra no ato da fala uma forma prazerosa de interagir com o mundo que a cerca. Sobre isso as autoras tratam desta questão como uma forma de valorizar a linguagem da criança como um dos meios de construção do conhecimento infantil, tendo em visto que o prazer de falar ou cantar acontece fora do espaço escolar.

#### **4.2 – Propostas metodológicas desenvolvidas na turma de educação infantil da Escola Municipal Ouro Verde**

A proposta metodológica de intervenção tinha como um dos principais objetivos valorizar o conhecimento das crianças que moram no campo como forma de afirmar a importância da educação infantil dentro das possibilidades existentes no assentamento, por julgar a importância de se trabalhar as músicas com as crianças como uma forma de não deixar que a cultura do brincar não fique fora do espaço escola.

Vários foram os métodos utilizados durante o tempo de intervenção, como a organização da sala, escolha de músicas, separação de livros da literatura infantil, e momentos onde as crianças teriam que escolher a música ou a brincadeira que queriam cantar ou brincar. A proposta foi realizada com as crianças de 4 a 6 anos, e visou atender primeiramente, as necessidades que se tem enquanto criança, como o brincar, o inventar, o fazer, o desfazer, o criar, o falar, entre tantas outras coisas que são originais do ser criança.

Foi considerando todos estes aspectos e paralelamente a realidade destes educandos que as metodologias vieram favorecer a construção de “novas” possibilidades de aprendizagem na educação infantil do campo. A proposta tinha como objetivo provocar momentos como: momentos de escolhas de brincadeiras pelas próprias crianças, como forma de valorizar e incentivar a autonomia; momentos de cantigas de roda, escolhidas e cantadas por eles; momentos de desenhos, com a participação do educador; momentos de construção de cartazes e murais; momentos de brincadeiras no pátio com a participação do educador, enquanto mediador do conhecimento.

Pensar em uma proposta metodológica que saiba comportar o que se tem como recurso disponível no campo não é fácil, mas é considerando a carência de recurso, que proponho uma metodologia que se diferenciasse das práticas observadas na turma, locus da pesquisa.

As propostas foram elaboradas pensando, exatamente, no que se tem no campo, que são as vivências das crianças, e a cultura existente. Pois se por um lado as escolas do campo são carentes de recursos, por outro temos crianças cheias de energia e um vasto acúmulo de sabedorias e é com as experiências acumuladas que irei nortear o trabalho de intervenção, pois como diz OLIVEIRA (1999, p.67) “O que na vida real é natural e passa despercebido, na brincadeira torna-se regra e contribui para que a criança entenda o universo particular dos diversos papeis que desempenha”.

A participação direta do sujeito no processo de ensino aprendizagem é fundamental para que se tenha um aprendizado significativo. Isto significa dizer que, as coisas acontecem de forma diferente para o educando e para o educador. Dessa forma poderemos dizer que as crianças são incentivadas na elaboração e na construção do

aprendizado o que é distinto do educador chegar com uma atividade elaborada por ele para que o educando realize.

Durante as atividades foi possível a intervenção das crianças por várias vezes, naquilo que estava previsto como atividade como a escolha das músicas e de algumas brincadeiras, a não aceitação do que estava posto. Essas interferências tornaram estes momentos mais construtivos, pois compreende que as interferências contribuem para o desenvolvimento da criança e para o professor reconhecer-se como um educador capaz de refletir sobre suas práticas. Quando estas ocasiões acontecem não é só a criança que aprende, mas o educador também. As suas práticas cotidianas passam a serem revistas de maneira que sempre ganham flexibilidade.

As cantigas de roda propostas, foram as que as crianças já cantavam no seu cotidiano e por muitas vezes interpretadas por desenhos à mão livre feito pelas crianças, em casa ou na escola. As brincadeiras representam, na realidade camponesa, momentos de aprendizagem, interação com o grupo e afirmação da identidade dos sujeitos do campo.

#### **4.2.1 – Desenvolvimento da linguagem através da cantiga de roda.**

É possível que durante as experiências de vida da criança ocorra o contato direto com cantigas de roda, e isso tem se apresentado por diversas e diferentes gerações. São cantigas que são passadas de pais para filhos. Pode-se dizer que a música sempre foi um recurso cultural muito presente em nossas vidas.

Segundo Ávila e Silva (2003, p.82), “A voz é um instrumento natural que já faz parte do aluno. Merece cuidados especiais, devendo ser preservada, pois, tanto a fala como o canto são nossos melhores instrumentos de comunicação”.

As cantigas de roda têm, por sua vez, um papel muito importante na construção de conhecimento das crianças, pois através da música é possível: fazer com que as crianças consigam se comunicar melhor, umas com as outras; manter a relação entre o grupo, pois dificilmente, as crianças brigam quando estão cantando; ampliar o vocabulário; e desenvolver a linguagem.

Por considerar que a criança se desenvolve interagindo com o meio e com as pessoas que as cercam, pode-se dizer que a organização do espaço escolar é uma das metodologias que deve ser pensada e reavaliada pelo educador de educação infantil.



Imagem 7 e 8: Organização da sala e Atividades com as crianças  
Fonte: Izidoro

Na experiência com as crianças moradoras do campo, foi claro perceber a importância destas cantigas no seu cotidiano escolar, pela forma como se expressam, pois ao cantarem as músicas se envolvem e brincam, dramatizam e interpretam as brincadeiras.

Considerando que muitas destas cantigas são aprendidas fora do espaço escolar, que são aprendizagens oriundas da relação social estabelecida em outros espaços e momentos, que não na e da escola, se faz necessário valorizar esses conhecimentos, dando para as crianças a chance de escolherem as cantigas e músicas que querem cantar e ouvir.

A educação infantil tem um relevante papel nesse processo especialmente quando propicia condições para a criança conhecer a realidade mediante os instrumentos culturais disponíveis, especialmente quando as atividades convergem em direção à música, à dança, ao desenho, à compreensão da relação sociedade e natureza” (NICOLAU, 2003, p.208)

Durante a atividade de cantarmos uma música junto onde o nome era (cantarolando) no segundo encontro, pedi para as crianças escolhessem uma brincadeira a qual gostassem de brincar, para brincarmos juntos. Essa proposta se deu como uma forma de desenvolver a autonomia das crianças. Então escolheram “batatinha frita, frita com manteiga”, essa é uma música, que acredito, que eles já têm uma certa afinidade no seu dia a dia por no dia anterior perceber algumas das crianças cantarem a música no horário do recreio.



Imagem 9 e 10: Cantigas de roda com as crianças  
Fonte: Izidoro

As crianças se juntaram e fizeram uma grande roda, onde cantavam rodando e ao mesmo tempo, cantaram por várias vezes. Em seguida, ao terminarem a música, deitaram no chão, como forma de estátuas, e as últimas estrofes da música tinham sofrido modificações em sua letra, o que evidenciou que, as cantigas de roda vão mudando de acordo com a necessidade e a realidade de cada época e os autores destas modificações, muitas vezes, são as próprias crianças.

Batatinha frita, frita com manteiga.  
novo sabonete Gessy.  
picolé de abacaxi.  
a galinha fez xixi.  
na careca do Didi  
o Didi se assustou,  
a galinha voou,  
Alô brasil.  
quem se mexeu saiu.  
(Diário de Campo)

Na atividade, com esta música, foi possível perceber que as crianças conseguem juntar a cantiga com a brincadeira e até incorporam personagens criados por elas mesmas. Ao solicitar que cantassem a música, as crianças se juntaram, e começam a cantar e a brincar, sem que fosse preciso falar que eles teriam que escolher uma música que envolvesse uma brincadeira.

No final da música percebi que as crianças deitavam-se no chão em forma de estátuas, e agiam assim por estratégia de permanecerem mais tempo sendo estátuas. Perguntei então porque deitavam no chão se o chão estava sujo e elas estavam limpas. As crianças não souberam me responder, apenas riram bastante.

No entanto, a partir do que observei, pude perceber que, as mesmas tinham noção de qual a melhor forma de ganhar a brincadeira, e isso demonstrou a grande capacidade das crianças de estar criando estratégias para resolver uma determinada situação. No caso da brincadeira relatada, a estratégia era tentar passar o maior tempo possível em forma de estátua.

Nesta atividade, foi possível fazer um levantamento do conhecimento prévio que cada criança trás para a sala de aula, além de possibilitar à criança o desenvolvimento de seus movimentos e sua capacidade de elaboração de estratégias e socialização da sua cultura, pois:

As brincadeiras de roda assumem grande importância por levar à formação do círculo, situação em que o grupo pode se comunicar frente a frente. Dando-se as mãos, as crianças formam um todo. Cantam, dançam, dançam ou tocam juntas; Criam e seguem regras, exercitam textos e movimentos de forma coletiva, desenvolvendo a socialização e praticando a democracia com valores de respeito mútuo, cooperação e unidade de grupo. (ÁVILA e SILVA, 2003, p.78)

Podemos perceber que a relação de grupo, que é estabelecida entre as crianças, possibilita uma interação e socialização do conhecimento de forma coletiva, dentro das várias capacidades existentes nas crianças. É importante lembrar que elas conseguem associar os elementos da vida real aos seus momentos lúdicos.

Outra atividade realizada foi “Abraço Coletivo”, onde iniciamos a aula com todos os participantes segurando nas mãos uns dos outros, formando um círculo, para depois darmos um grande abraço humano. Solicitei que cantassem uma música de roda, da preferência deles. Foi então que escolheram, uma música que para mim, até o momento era estranha disseram que o nome da música era (seu lobo).Pedi então que começassem a música pois eu não sabia:

Fui passear na floresta  
Enquanto seu lobo não vem  
Está pronto seu lobo?  
(Diário de Campo)



Essa era uma música que tinha uma brincadeira que teriam que brincar juntos, onde teriam que ficar em círculo e uma criança ficaria no meio, sendo o lobo. Depois de duas ou três vezes a criança do centro dizia que estava pronta e tentava fugir passando pelo grande círculo formado pelas outras crianças, que por sua vez, ficavam segurando as mãos uns dos outros, com firmeza para que a criança do centro não conseguisse fugir. Quando a criança conseguia fugir, outra criança se posicionava no centro do círculo para continuar a brincadeira.

Durante a brincadeira as crianças riam bastante e percebi que aquela era uma brincadeira que gostavam muito, pois estavam sempre brincando no pátio e até mesmo na sala durante o recreio. A brincadeira tinha uma movimentação muito grande. As crianças que estavam no círculo corriam e pulavam durante a brincadeira.

A importância de proporcionar às crianças momentos onde elas possam testar sua autonomia, permite que a criança teste a sua capacidade de pensar e de agir sobre suas próprias brincadeiras, isto possibilitará o desenvolvimento, a confiança no outro e a autoconfiança da turma, pois segundo OLIVEIRA (1999, p.67) “O que na vida real é natural e passa despercebido, na brincadeira torna-se regra e contribui para que a criança entenda o universo particular dos diversos papéis que desempenha”

O ato de interpretar as músicas e mobilizar o grupo, nos momentos de brincadeira, é uma forma natural para as crianças. Nessas horas elas conseguem interagir com o mundo e com os outros, pois quando estão se movimentando e articulando, estão desenvolvendo-se e ao mesmo tempo construindo conhecimento.

Outra atividade realizada envolveu a música “O sapo não lava o pé”, bastante conhecida. A mesma aconteceu após o recreio, cujo objetivo seria o de proporcionar o desenvolvimento da linguagem.

Para iniciar a atividades, mesmo não sendo solicitadas, as crianças pegaram nas mãos umas das outras e começaram a cantar, dando a entender da necessidade que sentem em estarem se relacionando, interagindo, se tocando nos momentos de brincadeiras.

Todas as crianças cantaram alegremente, pois todas já conheciam a música. Em seguida, entreguei para cada uma, uma folha com o texto contendo a música do sapo, e

todos, juntos, lemos e cantamos a música. Embora as crianças não soubessem ler, acredito que as mesmas já podem entender e relacionar a fala com a escrita.

Esta atividade foi muito importante para que as crianças percebessem que é possível ler e escrever aquilo que falamos e/ou cantamos, pois são duas coisas que parecem ser diferentes e distantes para algumas crianças. Por isso achei importante entregar o texto - a letra da música - para que as crianças percebessem esta relação, o que pessoas falam também pode ser escrito e lido.

Um aspecto interessante é que as crianças não se intimidaram em cantar e até pediram que cantássemos em círculo. Acredita-se que “*A brincadeira infantil favorece o processo da aprendizagem, pois contém desafios que incentivam a busca por soluções, por meio de raciocínio ágeis*” (ÁVILA e SILVA, 2003, p.78).

Concordo com autoras por perceber que as crianças, na maioria das vezes, passam o tempo brincando e, se as suas brincadeiras não desenvolvessem a aprendizagem, não seriam capazes de associar as músicas às brincadeiras, e vice-versa.

Durante a realização da pesquisa pude perceber as mudanças de comportamento das crianças em relação à tomada de decisão. Um dia, quando cheguei à sala, para dar continuidade às atividades de intervenção, as crianças já estavam todas sentadas em círculo, notei então que a organização das cadeiras tinha partido das próprias crianças - que anteriormente só queriam sentar um atrás do outro.

Estavam de cabeça baixa e quando entrei na sala todas levantaram a cabeça e disseram junto, “bom dia!”. Este momento foi planejado por elas, e o mais interessante é que sabiam que eu iria me assustar como realmente me assustei, pois não estava esperando por essa iniciativa.

Espaço de alegria vivida pelos alunos no presente, cujos esforços são estimulados e compensados por essa alegria que vivifica o cotidiano e ressignifica a vida, fortalecendo o caminho de construção do futuro. Nesse processo, destacamos o trabalho com o lúdico e com as artes que se encontram na gênese da construção do conhecimento, da apropriação da cultura, da constituição da criança como sujeito humano, portanto, aspectos essenciais à formação do educador. (DIAS 2003 p.234)

As crianças apresentam uma grande capacidade de se apropriar do espaço escolar e proporcionar momentos de aprendizagem, não apenas para elas mesmas, mas também para o educador.

Desde pequenas elas têm uma capacidade enorme de se organizarem, pois combinaram, antes que eu entrasse, para falarem de uma única vez. Levei um susto, pois, de início, pensei que teria acontecido alguma coisa com elas, mas depois entendi a mensagem, pois todas as crianças riam muito, dei bom dia também. A partir dessa ação pude refletir que, são momentos de pequenos gestos vindos das crianças que possibilitam sermos capazes de ressignificar nossa prática cotidiana.

Um dos momentos que foi possível perceber o envolvimento das crianças nas atividades foi onde teriam que expressar em forma de desenho suas concepções sobre algumas músicas cantadas na sala, pois a maioria das crianças ficavam concentradas no desenho. Nestes momentos é possível dizer que a criança se sente parte do processo de formação tendo a oportunidade de usar o lápis para escrever ou desenhar sobre o que gostam.



Imagem 11 e 12: Construindo desenhos a partir das músicas trabalhadas  
Fonte: Izoro

Em outro momento, em sala de aula, pedi para que todos se levantassem para cantarmos uma música de bom dia, que eles deveriam escolher, pois seria uma forma de não impor algo a eles, pensando talvez que, com as suas próprias escolhas poderiam se sentir mais a vontade e seria também uma forma de estarem construindo sua autonomia, enquanto sujeitos participantes do processo formativo. Então perguntei quem sabia de alguma e eles mesmos falaram que sabiam e começaram a cantar.

Bom dia coleguinha como vai  
A nossa amizade nunca sai  
Faremos o possível  
Para sermos bons amigos  
Bom dia coleguinha como vai  
(Diário de Campo)

Na primeira vez que cantaram, todos seguraram na mão uns dos outros e balançando os braços. Na segunda vez os sons da voz de duas das crianças, que estavam cantando, se destacaram, e ao invés de falarem “coleguinha” falavam “professora”. Ao questioná-las porque cantavam diferentes, responderam que era assim que cantavam com a outra professora.

O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaço: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo. (MATTOS e NEIRA, 2003, p.177)

As crianças, com suas formas espontâneas, conseguem, com seus movimentos e suas linguagens, envolver o grupo e até mesmo o educador nas suas atividades lúdicas. Compreendi que, no momento em que cantavam e se movimentavam, estavam relacionando o ambiente escolar com as pessoas que dele participam, já que além dos coleguinhos tem também a educadora, pois, mesmo pequena, a criança considera esta relação.

Outro momento interessante foi quando levei para a sala uma pasta com várias músicas de ciranda, onde o objetivo deste momento seria proporcionar o contato com outras músicas infantis, e pensei que dessa forma estaria apresentando de uma maneira diferenciada, ou seja, junto com o educador e em forma de leitura, tendo em vista que, as crianças, ao sugerir as músicas, se limitavam a algumas músicas, como “O seu lobo” e “Batatinha frita”, que eram as que mais cantavam, até mesmo nas brincadeiras durante o recreio.

Na medida em que eu ia lendo os títulos das músicas eles ficavam escutando e observando, quando eu iniciava a cantoria das músicas eles acompanhavam cantando. Nessa atividade cantamos, então, várias músicas como: “Atirei o pau no gato”, “Borboletinha”, “A barata diz que tem”, “Teresinha de Jesus”, “Cai Cai balão”, “Caranguejo peixe é”, entre outras.

Quando terminamos de cantar percebi que sabiam de muitas outras músicas, que até então não tinham cantado por algum motivo, seja pelo próprio costume de cantar na escola ou por gostarem apenas daquelas músicas. O que seria mais difícil, já que as crianças nunca iriam gostar das mesmas coisas, pois todas são diferentes em todos os sentidos, seja particular ou social.

Perguntei, porque nas brincadeiras não gostavam de cantar e eles não responderam, apenas me observavam com os olhos atentos.

Das músicas que tinham sido cantadas escolhi uma para tirar a cópia e entregar para cada uma das crianças. Cantamos juntas a música, seria a do “Caranguejo peixe é” onde entreguei para cada criança uma folha mimeografada com a letra música. Além da música a atividade apresentava alguns desenhos de peixe e caranguejo, o que possibilitaria as crianças de fazerem a relação entre o desenho e a escrita.

Durante esta atividade foi possível perceber que a leitura pode ser cantada, recitada, ou desenhada e que não necessariamente precisa-se ler convencionalmente, pois há vários tipos de leitura. E para as crianças, este processo se torna ainda mais interessante, pois quando estão cantando elas interagiram uma com as outras e com o próprio texto.

Ficaram por alguns minutos observando os desenhos, depois perguntaram se aquelas letras eram o nome do caranguejo. Uma das crianças perguntou: “professora esse é o nome do caranguejo não é? você acha que é?”. Outra criança disse: “não aqui é a música do caranguejo”. Nessa atividade foi possível perceber o envolvimento das crianças com o texto, pois as mesmas pareciam estar compreendendo o que estava escrito e desenhado, fazendo uma relação com a música cantada.

Então ao ver a curiosidade, estampada no rosto de cada um, resolvi falar que se tratava da música do caranguejo que tínhamos cantado mais cedo e logo começaram a cantar antes mesmo que eu cantasse. Então pedi que todos pegassem seus textos para que pudéssemos cantar juntos e todos pegaram. Em seguida deixei o restante do tempo para que colorissem os desenhos.

A linguagem oral é preponderante na educação infantil, por ser o instrumento mais utilizado nesse nível de escolarização, já que as crianças não são ainda leitoras e escritoras. A oralidade deve trabalhar dois pontos importantes: O primeiro é a própria comunicação que se estabelecem com base na linguagem que a criança já domina, ou seja, quando ingressa na escola, a criança já é capaz de estabelecer diálogo, de narrar fatos e histórias, de pedir ajuda e informações, de manter brincadeiras com os colegas e com os adultos etc. O segundo é utilizar a oralidade como um importante mediador do conhecimento letrado; é por meio da linguagem oral que o adulto possibilita o contato da criança com os textos, ao ler para ela, ao conversar sobre os textos lidos".(SCHMIDT, 2003, p. 197)

Pode-se dizer que, as crianças conseguem interpretar mesmo não sabendo ler convencionalmente e que muitas vezes isto não é considerado na instituição escolar. Podemos associar a linguagem da criança com a escrita e essa atividade comprovou que podemos fazer uma integração do que a criança traz para a escola, que são as diferentes linguagens com o sistema escrito, de forma que a criança não tenha que ver as coisas de forma separada, pois assim como ela consegue juntar as músicas com a brincadeira, na escrita não será diferente, as músicas que elas sabem podem ser escritas, cantadas e interpretadas por elas.

O fato da criança em seu cotidiano, estar sempre em contato direto com as brincadeiras facilitam a sua comunicação com as outras pessoas da sociedade, e uma vez que essas crianças ao entrarem na escola, já trazem um acúmulo de experiências, essas experiências precisam serem trabalhadas dentro da escola, como um dos métodos fundamentais para que se tenha o desenvolvimento pleno da criança.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho, houve vários momentos de atividades diversas como, momentos de músicas de cirandas, contação de histórias, brincadeiras no pátio, produção de desenhos, entre outros. A partir desses momentos foi possível perceber que, ao final as crianças tinham outra relação enquanto turma. Começaram a brincar juntos dentro da sala, nos momentos de recreio, compreendendo assim que suas brincadeiras podem ser vividas também na escola.

No início das atividades as crianças demonstraram certa resistência, talvez pela própria forma como as aulas eram conduzidas. No processo de formação em sala de aula, aos poucos, foram se sentindo a vontade para se expressarem ,dando suas opiniões.

A forma como cada criança participou foi de sujeito em construção, pois escolhiam, davam sua opinião e isso fez com que os momentos que vivenciamos juntos tivessem bons resultados, tanto para os educandos, que tiveram a oportunidade de experimentar as músicas e as brincadeiras dentro da sala de aula, como para mim que reaprendi a aprender com as próprias práticas pedagógicas.

O projeto durou apenas vinte dias, e só a partir do terceiro encontro é que as crianças começaram a se soltar, ou seja , deixaram de lado a timidez e começaram a intervir nas brincadeiras. Neste sentido, posso afirmar que a escola traz em si a capacidade de desmotivar o processo de ensino- aprendizagem na educação infantil ou de fazer com que ele aconteça de forma dinâmica e prazerosa.

O desenvolvimento de propostas metodológicas possibilitou o incentivo à aprendizagem da criança. No entanto, é necessário que haja uma sensibilização por parte de todos os envolvidos, sendo que os próprios pais deveriam serem parceiros deste processo. Acredito que os resultados obtidos com a intervenção poderiam ter sido melhores se houvesse a participação dos pais, da coordenação pedagógica e direção e da própria secretaria.

Posso afirmar que, este trabalho foi uma experiência muito rica para mim, pois possibilitou refletir sobre as minhas práticas e sobre como é possível promover o processo de ensino aprendizagem das crianças levando em consideração suas vivências cotidianas.

## REFERENCIAS

AVILA, Marli Batista; SILVA, Karen Batista Ávila. A música na educação Infantil. In: **Oficinas de sonhos e realidades na formação de educador da infância**. NICOLAU, Marieta Lucia Machado; DIAS, Marina Célia Moraes. 3ª Ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

CALDART, Roseli Salete; CERIOLI, Paulo Ricardo; KOLLING, Edgar Jorge. Por Uma Educação do Campo: Identidade Políticas Publicas. Brasília, DF: Articulação Nacional Por Uma Educação do Campo, 2002. (nº 4)

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008. – (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).

JORGE, Linice da Silva. Roda de histórias a criança e o prazer de ler, ouvir e contar histórias. In: **Oficinas de sonhos e realidades na formação de educador da infância**.

NICOLAU, Marieta Lucia Machado; DIAS, Marina Célia Moraes (ORG). 3ª Ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

KRAMER, Sônia. **A Política do Pré-Escolar no Brasil: A Arte do Desfarce**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2003.



LEITE, Sergio Celani. **Escola Rural: Urbanização e Políticas Educacionais**. 2º ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Questões da nossa época; v.70).

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

MATTOS, Mauro Gomes; NEIRA, Marcos Garcia. O papel do movimento na educação infantil. . In: **Oficinas de sonhos e realidades na formação de educador da infância**. NICOLAU, Marieta Lucia Machado; DIAS, Marina Célia Moraes (ORG.). 3ª Ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

NICOLAU, Marieta Lucia Machado. Reflexões sobre as varias dimensões de atuação do professor de educação Infantil na estimulação da aquisição da leitura escrita pelas crianças. In: **Oficinas de sonhos e realidades na formação de educador da infância**. NICOLAU, Marieta Lucia Machado; DIAS, Marina Célia Moraes (ORG.). 3ª Ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

OLIVEIRA, Marta Konl de. Vigotisky: **Aprendizado e desenvolvimento um processo socio-histórico**. 4ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

RISSO, Edson. A infância e a criança no e do Campo et. al. In: CALDART, Roseli Salete; PALUDO, Conceição; DOLL Johnnes. **Como se formam os sujeitos do Campo? Idosos, Adultos, Jovens, Crianças e Educadoras**. Brasília: PRONERA: NEAD, 2006.

SCHMIDT, Maria Helena Costa Braga; MARQUES, Maria Lucia; COSTA, Vera Lucia Voos Gomes da. O processo de aquisição da leitura e da escrita na infância. In: **Oficinas de sonhos e realidades na formação de educador da infância**. NICOLAU, Marieta Lucia Machado; DIAS, Marina Célia Moraes (ORG.). 3ª Ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

SERRÃO, Célia Regina Batista. O tempo na Educação Infantil: Rotinas. In: **Oficinas de sonhos e realidades na formação de educador da infância**. NICOLAU, Marieta Lucia Machado; DIAS, Marina Célia Moraes. 3ª Ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

TARDIF, Maurice. Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: Subjetividade práticas e saberes no magistério. In: CANDAU, Vera Maria (org.) **Didática, currículo e saberes escolares**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

# ANEXO

### **4.3 – A importância do desenho no processo de desenvolvimento cognitivo e motor.**

Pode se perceber que através do desenho a criança consegue colocar no papel em partes as brincadeiras que são realizadas por elas, em outra sua imaginação, e ainda como vêm a realidade que a cerca outras partes psicológicas das crianças também são desenvolvida através do desenho.

As atividades de desenhos tiveram como objetivos oferecer momento de interação, entre a criança e o mundo, já que o desenho é uma forma de escrita e ao mesmo tempo de brincadeira, muitas vezes a criança desenha o que ela vivencia ou o que sente pois:

“A expressão artística da criança se dar na construção de um discurso próprio e pessoal. Se a arte é tornar visível o invisível, é trazer à superfície o que estava submerso, a aula de artes de visuais deve acolher todas as emoções da alegria a tristeza, da felicidade á angustia.” (FERREIA, 2003 p.144)

A aula iniciou as 07:h30 min. da manhã começamos organizando a sala em circulo que estava desarrumada,fizemos um circulo e ao terminarmos fui avisada de que a criança D estava completando 6 aninhos de idade então, nos reunimos e cantamos parabéns para ela.

Em seguida, nos abraçamos coletivamente, logo depois sentamos nas cadeiras, e perguntei para eles quais suas frutas preferidas, e eles foram respondendo de maneira clara. Logo depois entreguei para cada criança uma folha em branco e pedi que desenhassem a fruta que mais gostassem.

Foi interessante quando a maioria das crianças desenhou uva maçã e morango como, por exemplo:as crianças A,B,F,G,H,J,M,e a N, são frutas que não tem no assentamento e a minoria escreveram banana, manga, laranja e melancia ou seja a criança C,D,E,I,L,e a O que são as frutas produzidas no próprio assentamento.

Na nossa região não temos uvas, maçãs e nem morango, mas mesmo assim as crianças escolheram essas frutas, escolheram essas frutas talvez não por acharem boas mas pela própria questão da televisão ter uma certa influencia nos diferentes meios culturais e pela própria palavra uva ser trabalhada na sala de aula como

uma forma de memorização do U de uva M de maçã e assim por diante sem falar na beleza que é encontrado no cacho de uva que é uma fruta muito bonita.

Questionei as crianças porque escolheram aquelas frutas, algumas não souberam responder já outras responderam que eram as frutas que mais gostavam. Estimular a compreensão das crianças em relação aos seus trabalhos expostos no ambiente educacional.

Neste momento nos reunimos para fazer uma árvore de isopor, para colarmos as atividades enquanto eu ia cortando, a árvore as crianças iam misturando a tinta guache, para a pintura da árvore, quando terminaram colamos a árvore na parede onde alguma criança, ficaram segurando em seguida as outras crianças foram colando os desenhos das frutas diretamente na árvore.

Neste momento as crianças, ficaram muito concentradas para a construção da árvore que iria servi para colar suas atividades, talvez pelo próprio misturar de tintas pois esta metodologia estimula a criança, a estarem participando ativamente das atividades, como não tínhamos pincel para pintar a árvore tivemos que usar as mãos, e isso fez com que as crianças gostassem daquele processo, pois logo depois foram ao banheiro lavar as mãos para irem para o lanche, o que deu para perceber nesta atividade é que quando a criança está envolvida diretamente na atividade, o processo de aprendizagem se torna mais proveitoso para o educando e menos estressante para o educador.

**3º passo-** proporcionar momento de reflexão sobre a importância da família na vida de cada criança. Desenvolver a interação do espaço escolar com a vida cotidiana de cada criança, considerando que as aprendizagens não se separam.

**O que aconteceu-** No primeiro momento desta atividade, conversamos sobre família onde perguntas simples foram feitas como por exemplo: Quem tinha família? Quem fazia parte de sua família? E o que era família para eles? foi um assunto que todas as crianças se interessaram estávamos todos sentados no chão o nos proporcionou, ficamos à-vontade.

Quando terminamos de conversar, entreguei um papel em branco para cada criança, que desenhasse suas família. neste momento houve muita concentração por parte de todas as crianças algumas crianças conversaram, umas com as outras no momento do desenho mas depois voltaram as atividades essa atividade serviu para a

compreensão de como é a imagem que eles teriam da família considerando que ao nascer o primeiro contato que a criança tem é com a família.

Quando alguns iam terminando pedia para que falassem o nome dos desenhos para que eu pudesse escrever o nome dos desenhos que tinham feito.

**Observação-** O desenvolvimento das crianças nesta atividade, foi curioso pois apenas a criança L não soube falar o nome dos pais nem dos avós simplesmente disse ( papai,mamãe ,vovó,vovô e titio) e isso implica dizer que escola tem o papel fundamental em trabalhar essas questões dentro do espaço escolar, pois são coisas que parecem tão pequenas mas que fazem muita diferença, nas próprias relações sociais das crianças,considerando o fato de serem sujeitos que estão em processo de construção da sua própria identidade,outras crianças também não se incluiu junto da família ou seja não tinha o seu desenho como a criança C.

A criança I desenhou apenas parte da família não desenhou o pai e quando perguntei se esta criança não tinha pai ela respondeu que sim mas que não iria desenhar,perguntei mais uma vez e a criança I baixou a cabeça e não levantou mais.

A criança H não desenhou o irmão menor fez apenas o pai a mãe o irmão mas velho e ela mesma, esta criança não mora muito distante da escola então quando perguntei se não tinha mais ninguém na sua família, ela respondeu que sim, o irmão menor mas ela não ia desenhar ele,

Mas enquanto umas crianças não desenharam algumas pessoas da família outras desenharam pra além, das famílias fizeram outros desenhos que consideraram importantes como, por exemplo, casa,arvores e bois,a aula.nesta atividade foi percebível como a escola tem um papel importante na vida destas crianças,pois o atividade proporcionou um grau de desenvolvimento grande,destas crianças elas puderam expressar através de seus desenhos suas capacidades de representação da realidade,em forma de desenho.

**2º passo-** proporcionar momento de representação da realidade de forma lúdica e prazerosa utilizando o livro didático.

**2ºo que aconteceu?-** Entreguei para cada criança um livro de recorte, que são utilizada na escola por outras turmas de crianças maiores, e como algumas criança já tinham tesoura,apenas para as que não tinham entreguei uma tesoura, para que recortassem o que consideravam como lixo nos desenhos dos livros.

**2ª observação-** pode se perceber o envolvimento que cada criança estabeleceu durante essa atividade ficaram bastante concentradas, pois além delas terem que foliar o livro tinham também, que observar para acharem desenhos que representassem o lixo, pra além da observação e da concentração elas ainda iriam usar a tesoura para cortar os desenhos, uma curiosidade que geralmente as crianças nesta idade tem é de estarem tocando, como forma de experimento objetos cortantes.

Pode se dizer que, geralmente as crianças são chamadas atenção o tempo todo por pais, ou responsável pra não pegarem em objetos cortantes, como facas e tesouras, e o que deu para ser observado é que a criança tem muita capacidade, de descobrir as coisas neste contato direto com os próprios objetos, desde quando esse contato seja planejado e monitorado pelo adulto, não significa que agora as crianças no geral podem sair brincando com objetos cortantes que isso é aprendizagem.

Cabe dizer que: os “conceitos de ensino” de ensino para a educação infantil do campo devem ser observados e resignificados, em suas pratica pois treinar a coordenação motora, a criatividade da criança, e sua capacidade de realizar tarefas extremamente complexas, usando a tesoura para recorte é algo pra além do cobri linhas curvas e que se torna algo prazeroso para a criança, em momento algum mim propus recortar ou ajudar, até pelo próprio fato das crianças não pedirem ajuda. queria ver justamente até onde iriam com sua capacidade de recortar, interpretar, interagir, e aprenderem.

**3º passo-** desenvolver a capacidade intelectual da criança, trabalhando suas percepções e valorizar seu conhecimento prévio.

**O que aconteceu-** Entreguei então uma folha em branco para cada um e pedi que fizessem uma historia em forma de desenho e depois lessem a historia para mim. todos ficaram muito interessados e prenderam sua atenção em desenhar

**Observação-** na medida em que alguns iam terminando pedia para que lessem o que escreveram e eles liam as figuras e eu ia colocando os nomes de acordo com as falas das crianças talvez essa metodologia ajude na compreensão dos desenhos já que alguns, para quem não fez o desenho pareça confuso uma forma de registrar a capacidade de interpretação de cada criança como momentos únicos na vida de cada uma. além de fazer com que a criança relacione desenho com escrita e fala ao mesmo tempo.

O que foi bastante interessante é que algumas criança quando iam terminando as atividades do desenho pediam tarefinhas para pintarem. Talvez pelo próprio fato de fazerem muitas tarefinhas durante as aulas ou por gostarem das tarefinhas mimeografadas.

As crianças tiveram o cuidado de pintar cada historia desenhada sem interferência de ninguém. Pois não me interfeiri justamente por acreditar que eles conseguiriam sozinhos fazer a atividade pedida por mim a maioria das crianças se sentiram a vontade para desenhar todo o papel em branco não esquecendo de um único desenho.

O objetivo dessa atividade seria proporcionar momento onde as crianças pudessem desenvolver desenhos que representassem sua realidade e como compreende essa realidade.

Um ponto fundamental nesta atividade que foi visível é que todas as crianças repetiram em seus desenhos casas e arvores, isto aconteceu não por estarem perto uma da outra pois estavam em seus lugares bastante concentradas em suas atividades. Talvez se repetiram por elas terem essa relação mais intima e afetiva com a família e a casa pelas as arvores que têm e as que vêem ao vir para a escola.

**2º passo** - Estimular compreensão das crianças em relação aos seus trabalhos expostos no ambiente educacional.

**o que aconteceu** neste momento nos reunimos para fazer uma árvore de isopor, para colarmos as atividades enquanto eu ia cortando, a árvore as crianças iam misturando a tinta guache, para a pintura da árvore, quando terminaram colamos a árvore na parede onde alguma crianças, ficaram segurando em seguida as outras crianças foram colando os desenhos das frutas diretamente na árvore.

**observação-** neste momento as crianças, ficaram muito concentradas para a construção da árvore que iria servi para colar suas atividades, quando foi para misturar a tinta pedir para tomarem cuidado para não se sujarem, como não tínhamos pincel para pintar a árvore tivemos que usar as mãos, e isso fez com que as crianças gostassem, daquele processo, pois logo depois foram ao banheiro lavar as mãos para irem para o lanche, o que deu para perceber nesta atividade é que quando a criança está envolvida diretamente na atividade, o processo de aprendizagem se torna mais proveitoso para o educando e menos estressante para o educador.



**3º passo-** proporcionar momento de reflexão sobre a importância da família na vida de cada criança. Desenvolver a interação do espaço escolar com a vida cotidiana de cada criança, considerando que as aprendizagens não se separam.

**O que aconteceu-** o primeiro momento desta atividade, conversamos sobre família onde perguntas simples foram feitas como, por exemplo: Quem tinha família? Quem fazia parte de sua família? E o que era família para eles? foi um assunto que todas as crianças se interessaram estávamos todos sentados no chão o nos proporcionou, ficamos à-vontade.

Quando terminamos de conversar, entreguei um papel em branco para cada criança, que desenhassem suas família., neste momento houve muita concentração por parte de todas as crianças algumas crianças conversaram, umas com as outras no momento do desenho mas depois voltaram as atividades essa atividade serviu para a compreensão de como é a imagem que eles teriam de da família. Quando alguns iam terminando pedia para que falassem o nome dos desenhos para que eu pudesse escrever o nome dos desenhos que tinham feito.

**Observação-** O desenvolvimento das crianças nesta atividade, foi curioso pois apenas a crianças L não soube falar o nome dos pais nem dos avós simplesmente disse ( papai, mamãe , vovó, vovô e titio) e isso implica dizer que escola tem o papel fundamental em trabalhar essas questão dentro do espaço escolar, pois são coisas que parecem tão pequenas mas que fazem muita diferença, nas próprias relações sociais das crianças, considerando o fato de serem sujeitos que estão em processo de construção da sua própria identidade, outras crianças também não se incluiu junto da família ou seja não tinha o seu desenho como a criança C.

A crianças I desenhou apenas parte da família não desenhou o pai e quando perguntei se esta criança não tinha pai ela respondeu que sim mas que não iria desenhar, perguntei mais uma vez e a criança I baixou a cabeça e não levantou mais.

A criança H não desenhou o irmão menor fez apenas o pai a mãe o irmão mas velho e ela mesma, esta criança não mora muito distante da escola então quando perguntei se não tinha mais ninguém na sua família, ela respondeu que sim, o irmão menor mas ela não ia desenhar ele.

Mas enquanto umas crianças não desenharam algumas pessoas da família outras desenharam pra além, das famílias fizeram outros desenhos que consideraram importante como por exemplo: casa,arvores e bois,a aula.nesta atividade foi percebível como a escola tem um papel importante na vida destas crianças,pois o atividade proporcionou um grau de desenvolvimento grande,destas crianças elas puderam expressar através de seus desenhos suas capacidades de representação da realidade,em forma de desenho.

**2º passo-** proporcionar momento de representação da realidade de forma lúdica e prazerosa utilizando o livro didático.

**2º o que aconteceu?-** Entreguei para cada criança um livro de recorte, que são utilizadas na escola por outras turmas de crianças maiores, e como alguma criança já tinha tesoura, apenas para as que não tinham entreguei uma tesoura, para que recortassem o que consideravam como lixo nos desenhos dos livros.

**2º observação** pode se perceber o envolvimento que cada criança estabeleceu durante essa atividade ficaram bastante concentradas, Pois elem delas terem que filiar o livro tinham também, que observar para acharem desenhos que representassem o lixo, pra além da observação e da concentração elas ainda iriam usar a tesoura para cortar os desenhos,uma curiosidade que geralmente as crianças nesta idade tem é de estarem tocando,como forma de experimento objetos cortantes,pode se dizer que.

Geralmente as crianças são chamadas atenção o tempo todo por pais,ou responsável pra não pegarem em objetos cortantes, como facas e tesouras,e o que deu para ser observado é que a criança tem muita capacidade,de descobri as coisas neste contato direto com os próprios objetos ,desde quando esse contato seja planejado e monitorado pelo adulto, não significa que agora as crianças no geral podem sair brincando com objetos cortantes que isso é aprendizagem.

Quero dizer que:os “conceitos de ensino”de ensino para a educação infantil do campo devem ser observados e resignificados, em suas pratica pois treinar a coordenação motora,a criatividade da criança,e sua capacidade de realizar tarefas extremamente complexas, usando a tesoura para recorte é algo pra além do cobri linhas curvas e que se torna algo prazeroso para a criança,em momento algum mim propus recortar ou ajudar ,até pelo proprio fato das crianças não pedirem

ajuda.queria ver justamente até onde iriam com sua capacidade de recortar,interpretar,interagir,e aprenderem.

### **Objetivos das atividades**

**1º passo-** proporcionar um espaço onde as crianças possam se ver e interagirem umas com as outras.

**1ºO que aconteceu?.** A aula deu inicio as 7: 30 e a sala estava organizada em círculo e percebi que as crianças acharam a sala diferente mas não falaram nada,perguntei quem sabia,escrever seus nomes todos ergueram as mãos e disseram “eu” então entreguei uma ficha de cores diferentes para cada criança,não tinha nada escrito na ficha,então pedi que cada criança escrevesse atrás da ficha seu nome.

**1º bservação.** Ao entregarem as fichas com os nomes, percebi que os nomes escritos estavam ao contrario ou seja tinha letras fora do lugar e outros com as letras ao contrario neste momento percebi que as crianças, parecia não saberem as letras mas no momento não comentei nem me interferi,pois considerando que o aprendizado é um processo que não acontece da noite pro dia e que as crianças aos poucos iam conseguir avançar no sentido da escrita de seu próprio nome.

**2º passo-**afirmação e iteração do sujeito com o nome.

**2º que aconteceu-** Na medida em que eu iria chamando os nomes as crianças iam levantando as fichas com seus nomes já escritos, pedi então que observassem se do outro lado os nomes estariam do mesmo jeito.

**2ºobservação-** a criança A e a criança E disseram que sim mas a criança H, D, C, B disseram que não estava diferente o nome que elas tinham feito para o nome que eu tinha feito pois as letras não estavam do mesmo jeito,percebe-se ai que a criança por si só consegue fazer uma reflexão sobre suas formas de aprendizagem sem precisar o educador dizer que esta errado algo que quando ocorre desestimula a criança.

**3º passo-** descobrir novas formas de aprendizagem.

**3º o que aconteceu-** Depois de ter recolhido as fichas com os nomes dos educando recortei de formas variadas algumas curvas e outras retas, porém letra por letra, ficando de diferentes formas fazendo assim um quebra cabeça depois de recortadas entreguei para cada criança todas as letras do seu nome,e elas teriam que montar o nome novamente. Um desafio grande, porém necessário para o desenvolvimento da criança.

**3º observação-** Durante essa atividade as crianças se divertiram enquanto montavam o quebra cabeça com seus nomes, conversavam uns com os outros o tempo todo como uma forma de interação uns com os outros, talvez por ser uma atividade que nunca tinham feito ou pela atividade oferecer, um desafio considerado provocante. a criança C mim perguntou se o nome dela estava certo então responde que sim, pois no nome dela tinha duas letras A e quando a criança foi montar o nome uma trocou aprendera letra pela a ultima tornando assim o encaixe impossível, e isso significa dizer que a criança não errou pois as duas letras eram iguais o que mudava era o forma do encaixe.

**2º passo-** compreender o desenho como uma forma de escrita, própria da criança.

**2ºo que aconteceu?** Ao terminarmos de cantar pedi que desenhassem a música em um papel e já que era uma brincadeira tão especial para eles. E foi nesta hora que algumas crianças entenderam que seria para escrever, então elas escreveram letras. então percebi que entenderam que eram para escreverem a musica. Expliquei novamente que era para desenharem a música com seus personagens.

**2ºobesvação** Neste momento queria ver o que entendiam como musica, qual a relação com o que se levo para a sala de aula e o que se canta de livre espontânea vontade e principalmente como interpretar a musica, parece que neste momento a escrita ganha um novo sentido para as crianças pois começam a relacionar e quererem escrever o que se canta como uma forma de construção de conhecimento bem típico de sua idade.

Começaram a desenhar a música e foi surpreendente pois fizeram floresta, o lobo a casa, flores e alguns fizeram até o lobo escondido outros fizeram dois lobos em seguida coloriram o desenho.

E nos desenhos ficou claro perceber por que gostavam tanto daquela musica, parecia uma simples música, mas não era, pois retratava um pouco da realidade de cada um enquanto pessoas que moram no campo e com o mínimo de paisagem para ser observada. ao terminarem de pintar a musica saíram para o recreio e eu continuei na sala organizando os materiais as conseguem expressar em seus desenhos sua forma de entender o mundo que a será.

**4º passo-** oferecer momento de interação entre a criança e o objeto que se estuda considerando que a criança aprendo muito rápido com o relacionamento com as coisas.

**4ºo que aconteceu?** pedi para que colorissem com as cores que quisessem ficaram entusiasmados e pintaram a atividade rapidamente, ficou uma pintura diversificada então fomos recortar os que iam ficando pronto íamos colando na cartolina e colando um palito no meio a idéia seria para colarmos palito de picolé porém não temos sorveteria próximo nem na vila então colamos palitos de plantas secas o sapinha seria um tipo de brinquedo que poderiam levar para suas casas.

**4º observação-** outra atividade que teve grande retorno em relação ao nível de aprendizagem e desenvolvimento das crianças.pois se concentraram nas atividades e colaram as atividades corretamente apenas a criança I,E,H,não conseguiram colar corretamente porém é algo que não significa muito pois o mais importante é que a criança consiga ser respeitada,dentro suas capacidades psicológicas.

**2º passo-** provocar a criatividade de cada criança,desenvolvendo assim sua aprendizagem.

**O que aconteceu?** Depois pedi para que se sentassem em suas cadeiras entreguei uma ficha para cada criança a ficha era branca e teriam que ser pintadas de suas cores preferidas,a criança M, a crianças e a criança I mim perguntaram se podiam pintar de mais de uma cor então disse que sim.

Então misturaram as cores e fizeram fichas coloridas, outras apenas de uma cor em seguida escrevi o nome deles dentro das fichas em seguida colamos no mural.

**Observação:** essa atividade foi mais uma afirmação da importância do nome de cada um visível na sala de aula com o objetivo de que cada criança se reconheça como sujeito dentro do espaço escolar, o mural foi feito com a cor verde para destacar melhor as diversas cores com que cada um pintou sua ficha, na sala de aula não tinha nem uma lista de nomes das crianças,e como educadora eu não poderia chegar até as crianças com uma lista de nomes pronta,talvez que as crianças não iriam entender seria melhor elas participarem deste processo de construção, além da que tínhamos feito anteriormente. como forma de quebra-cabeça então as crianças ficaram muito entusiasmada quando viram seus nomes no mural a idéia de pintar as

fichinhas antes foi justamente para incentivar a está exposto na sala de aula os trabalhos produzidos por eles e não apenas pelo educador ou educadora.

**O que aconteceu?** ao terminarmos de cantar entreguei uma folha em branco para cada uma das crianças e pedi que desenhassem a musica que tinham acabado de cantar e elas imediatamente começaram a desenhar uma atividade que Percebi que gostam e que sempre ficam concentrados é nas atividades de desenhos e brincadeira

**Observação:** Percebi então que elas só desenharam o pedaço da musica que achavam mais interessante ou que chamava mais atenção delas por este motivo ao cantarem a música sempre riam e se divertiam muito com a letra da musica .

.coloriram o desenho e iam me entregar mas pedi que fizessem seus nomes e novamente a maioria fizeram seus nomes com as letras trocadas não disse a eles que estava errado apenas guardei os desenhos como forma de registro de atividades a idéia de não repriende-lo pelas nomes estarem trocados foi justamente para não desestimular e nem forçá-los a terem que fazer algo.

Neste dia varias crianças vieram com seus cadernos e disseram “professora faz um dever de casa para mim que nem a outra professora”e eu não tive coragem de dizer que não mas perguntei como e o “dever”que vocês querem e alguns falaram “do A,E,I,O,U.”e outros do “BA,BE,BI,BO,BU.”.

Então peguei os cadernos e mesmo não concordando comigo mesma escrevi umas atividades de ligar um desenho maior ao desenho menor mesmo sabendo as crianças elas tem essa noção do que seja maior e menor, mas não podia evitar o que estavam mim pedindo pois essas crianças já vinham de um ano e 8 meses de ensino no qual se trabalhou desta forma e isso tinha que ser considerado.

Neste momento percebi o grande desafio que é realizar o novo, diante da sociedade, pois mesmo crianças pequenas com uma experiência de escola também muito pequena já pensam coisas ou se sujeitam a coisas inconscientemente que vai contra a vários teóricos da educação quando se diz respeito a aprendizagem da criança.

